

ASSIGNATURAS
 ANNO 20\$000
 SEMESTRE 12\$000

Numero avulso 500 rs.

OS ANNAES

ESCRITORIO
 RUA DO OUVIDOR, 113 (Sob.)

OFFICINAS
 RUA DE S. JOSÉ, 25

SEMANARIO DE LITTERATURA, ARTE, SCIENCIA E INDUSTRIA

SECRETARIO — WALFRIDO RIBEIRO

DIRECTOR — DOMINGOS OLYMPIO

GERENTE — J. GONZAGA

CHRONICA POLITICA

INTERIOR

Não era preciso ser um alho, possuir qualidades excepcionaes de previsão, de clarividencia prophetica, para verificar que a organização das prefeituras, consequentes ao Tratado de Petropolis, não correspondia á constituição do territorio, aos costumes, ao gráu de civilização daquella população exotica de exploradores de seringas, esparsa na vastissima região, entre a famosa linha obliqua e a recente fronteira boliviana, compreendendo o Acre, o Yaco, o Alto Purús, o Envira e o Taroacá, formadores do Juruá, sem um nucleo de concentração, de povoação, villa ou cidade.

Para quem conhece aquellas paragens, os decretos constitucionaes das prefeituras se assemelham a um fato, cortado a olho, sem medida, sem conhecimento do individuo que o deve envergar. Por isso, as prefeituras, com o seu apparatuso mechanismo de justiça, de policia, de administração fiscal e militar, se figuram indios encartolados, casacalmente vestidos, de um ridiculo commovedor.

Aquella região de maravilhosa riqueza, povoada á *la diable*, como o *Far West*, quando os aventureiros do oiro da California se regiam pelos primitivos principios da força ab serviço da ambição, não era possivel applicar, de chôfre, um regimen de governo das sociedades adultas, impor-lhe os complicados processos, que demandam, como condição essencial, o radicamento da população ao sólo, concentrando interesses sociaes e economicos, sobre as bases da cultura moral, da propriedade e da familia.

As relações dessa população esparsa são ainda, puramente, mercantis. Comerciantes, concessionarios da terra, em vastos latifundios, ou méros occupantes, reúnem em torno de si trabalhadores, quasi na totalidade adventicios que, na estação da colheita do precioso sangue da *syphonia elastica*, affluem e refluem com a onda da emigração do Ceará, do Rio Grande do Norte e da Parahyba, ou individuos de todos os Estados, nacionaes e estrangeiros, desávidos com a ordem e as leis, obrigados a procurar naquellas

paragens um refugio contra os vexames da policia.

Linhas regulares de navegação — em vazos de pequeno calado, em lanchas, ou embarcações a remo — a montaria, a igarité dos regatões, são os unicos meios de transporte. Os rios são estradas são as ruas por onde trafegam, como os bondes das nossas cidades, aquelles vehiculos, parando onde ha passageiros e carga : estradas e ruas serpeiando por milhares de kilometros, tortuosas, apertadas entre ribanceiras alagadas, na enchente, ingremes e asperas, na vazante, ponteadas, a grandes distancias de barracões, armazens dos mais ricos, de humildes choças de seringueiro, de maneira que um passeio, uma deligencia de policia, de justiça importam em longa e fadigosa viagem.

Esses meios de comunicação, se bem que, relativamente, abundantes, não conseguiram ainda dar áquella população o caracter definitivo de povo civilizado.

Em taes condições, a inexequibilidade do systema de pomposas prefeituras era intuitiva ou daria os resultados negativos, que, nestes dias, a imprensa tem registado, contrarios, em absoluto, ao plano, concebido com os melhores intuitos, pelo governo da Republica. Acresce que o plano, embóra inspirado sob melhores auspicios, pelo conhecimento perfeito da região, seus elementos ethnicos, pela noção exacta de seus interesses, seria burlado em seus beneficos effeitos, confiado a executores que, por seus precedentes de ineptia, de vèzos atrabiliarios e violentos, dariam, certamente, com os burros n'agua.

O acerto da escolha do prefeito do Alto Purús dá eloquente destaque ao erro dos outros.

Um espirito de equidade, depurado de prevenções e da intrigalhada, que andou inventando heróes, transformando bandidos em benemeritos e deprimindo homens honestos, de valor intrinseco, indicaria a repetição do processo empregado a respeito dos territorios reivindicados pelo benemerito barão do Rio Branco, nos arbitramentos de Washington e Berne. Mas, o governo do Amazonas não estava em cheiro de santidade: a politica central, que engoliu, sem carêta, o caso das pedras, ainda atravessado na veneranda garganta do Supremo Tri-

bunal, e outros escandalosos calháus duros de roer, perpetuadores da fama da alcandorada administração do quadriennio passado; essa politica que, em accessos de melindres esporadicos, extorquirá á terra de Ajuricaba o direito de escolher seus senadores, e os fabricára, aqui, com um displante, sem precedentes nos fastos das tranquiernas dos reconhecimentos de poderes, essa politica, de ouvidos prenhes de protervia, refugou confiar a quem de direito a administração da zona conquistada, prolongando, sem apparatuso, sem enormes despezas, o regimen administrativo estabelecido, e resalvando a indemnisação dos onus do Tratado de Petropolis.

Em vez disso, que seria simples, natural e conforme ás indicações das circumstancias, que são os melhores roteiros de governo, preferiu-se inventar um systema especial, fóra das linhas constitucionaes da Republica, com accommodações magnificas para um governador e seu sequito de afilhados, juizes, que fizeram acto de presença, empregados fiscaes e o resto de parasitas, arrojados em arriscada parada, num lance de fortuna.

Não pertencemos ao numero dos pessimistas systematicos, exploradores dos desacertos do governo, para os quaes este erra por gosto e insiste no erro para não desprestigiar os seus attributos de infalibilidade ou para não dar o braço a torcer. O governo enganou-se, pelo menos na escolha do pessoal, que mentiu á sua confiança e contra os quaes os factos estão berando.

Esse engano não é, felizmente, irreparavel.

*
*
*

EXTERIOR

Os nossos visinhos

Não está ainda feita a paz, no Paraguay. Os rovolucionarios insistem na aggressão ao governo. A lucta se prolonga com incidentes, que estiveram a pique de provocar um conflicto internacional com a Republica Argentina, complicando o problema, que as commissões pacifistas procuram resolver em beneficio da paz e da humanidade.

De Manáos, vem a noticia de um conflicto, na bocca do Amonea, entre forças brazileiras e peruanas; estas, desde outubro de 1902, alli estabelecidas e entrincheiradas, exigindo que os vapores brazileiros arvorem a bandeira peruana e paguem impostos ao Perú pela borracha do territoric, neutralizado pelo accordo do *modus vivendi* de 12 de

julho ultimo. Esse conflicto custou a vida de um soldado brasileiro e de nove peruanos.

O general Carlos Eugenio teve participação official desses acontecimentos, da capitulação do major Hurtado e do capitão Avila, commandantes da força, e da retirada dos soldados peruanos, desarmados, para o Ucayale, sendo as respectivas armas e munições entregues ao consul peruano em Manáos.

Parece que ficam, assim, afastados os receios de que esse incidente viesse perturbar a marcha das negociações amigáveis entre o Brazil e o Perú.

No Oriente

Nada de notavel, além do pavoroso ataque japonês e conquista das posições da montanha dos 203 metros a cavalleiro de Porto Arthur.

Dizem os ultimos telegrammas que a lucta continuava desesperada, heroica, de parte a parte.

POJUCAN

A LINHA NEGRA

Quando estavamos na Linha Negra, cada um sabia o seu dever de todos os dias — piquete na trincheirinha da esquerda, ou da direita, perto da bocaina, ronda na picada, promptidão no apoio — dever cumprido com prazer, a dia e meio de folga. Eramos disciplinados por gosto; tinhamos orgulho do nosso batalhão, do nosso commandante e nos sentiamos bem quando estavamos de linha.

O acampamento nos enchia de tédio, ao passo que, na picada funesta, as nossas impressões erã variadas e fortes.

O infatigavel Tiburcio nos trazia sempre animados, distraídos e muito occupados. Todos os seus subordinados procuravamos subir no conceito daquelle homem excepcional. Ora ordenava um reconhecimento pela orla da matta, protegido pelo macegal da lagôa ou da bocaina, até sahir na rectaguarda dos paraguayos; outras vezes mandava partirmos abaixados, de bayoneta armada, sem respirar quasi, e assim surprehendiamos a deshoras os seus piquetes. Andavamos sempre em actividade.

O coronel Noya, esse velho republicano, valente como poucos, que anda ali pela rua do Ouvidor com um só braço por ter perdido o outro, gloriosamente, em Lomas Valentinas, era segundo sargento da 7ª companhia do *Dezeseis* e dobrou muito nesse serviço de escaramuças e combates parciais.

Na frente da bateria dos morteiros, havia uma trincheira-abrigo; em baixo, estava o parapeito. O fôssico ficava pelo lado de dentro e não tinha escoamento. Quando chovia, ficavamos com agua pelos joelhos durante noites, muito frias. O piquete paraguayo estava defronte, muito perto, a tiro de

pistola e entrincheirado como nós. Alli perdemos um camarada muito distincto — o alferes Patricio Sepulveda, que levantou a cabeça acima do parapeito e cahiu fulminado com os miolos de fóra.

Uma noite, estava eu de serviço. Apareceu o Tiburcio com o Floriano Peixoto, o Madureira e o alferes Timotheo Bastos, do meu batalhão. Este rapaz se tornára notavel pela temeridade louca: era bahiano e meu amigo. O commandante deu-lhe quatro praças do meu piquete e a ordem seguinte: — « Siga em frente até duzentos passos; deverá estar além do piquete paraguayo; dê-lhe uma descarga e volte. » A noite era escura e os clarões habituaes do tiroteio não a illuminavam. Havia algumas horas que o inimigo estava calado: o Tiburcio desconfiou desse silencio e, por isso, mandou reconhecer. Partiram os cinco. Acompanhamo-lhes os vultos até se perderem nas trevas. Esperamos algum tempo. Vimos uns clarões: era a descarga. Estava alli o Timotheo; não ficaria nisso. Logo depois, pipocou outra descarga. Illuminou-se o macegal de clarões fugaces. Pela nossa frente, pelos flancos, do alto da trincheira, da costa da matta chovia sobre nós um diluvio de balas.

O campo estava cheio de paraguayos. O Tiburcio mandou, então, o alferes retirar a marche-marche. Parece que este não ouviu a ultima parte da ordem porque o ouvimos caminhar a passo lento e fazendo fogo. Um dos homens trazia a *minié* na mão esquerda: não era canhoto; estava com o braço direito quebrado.

Talvez tivesse o inimigo simulado o abandono da trincheira para mais tarde cahir sobre nós. E era eu quem estava mais perto delle. Quem sabe se estaria hoje lembrando este episodio?

Uma semana depois, o Timotheo estava de ronda e foi morto, nas *Chapas de Ferro*, por uma bala, que lhe varou a cabeça. Pobre amigo. Ha ainda quem se lembre da tua bravura de leão!

Quando as balas passavam muito altas, assobiando por cima das nossas cabeças, um soldado gritava: Abaixa a pontaria, caboclo do diabo!

Nós nos divertiamos com essas pilherias.

O alferes Aurelio de Moraes estava um dia de piquete na celebre Trincheirinha da esquerda. Alguns rapazes e eu fomos, alli, palestrar. Ouvimos um grito de agonia e uma sentinella cahiu, victima de uma bala que entrára pela setteira. Outro foi occupar o seu logar. Um dos officiaes teve, então, uma idéa singular, despertada, talvez, pelo espectáculo daquelle homem morto. Tirou um lenço do bolso e disse sorrindo:

— Quem de vocês é capaz de ir buscar este lenço lá fóra?

— Eu, eu, eu — responderam várias vozes, unisonas.

Todos erã capazes daquelle temeraria façanha.

O lenço vôou enrolado por cima do parapeito e cahiu além do fôssico. Todos se precipitaram para fóra; um, porém, chegou primeiro e voltou triumphante, agitando o lenço como trophéo. Que estupendos moços erã aquelles!

Conversamos, depois, sobre o estado de apathia, em que viviamos, dizimados, nas avançadas, pelo inimigo, e, no acampamento, pelo cholera. Mais valeria uma batalha. Certamente já estariamos longe daquelle sitio funesto.

— Dizem — affirmava um — que as posições fortificadas do Sauce são formidaveis. Uns *passados* contam que represaram as aguas do estero Rojas para inundarem os grandes fôssicos das suas trincheiras.

— Passal-os-emos a nado — observava outro.

— Depois de 18 de julho, em que lá ficou o Fontoura mais velho, nada mais se tem feito.

— Tudo alli é mysterio para nós. Nem aquella trincheira que alli está, em frente, conhecemos.

— Isso é facil — avancei eu. A' primeira vez que entrar de piquete, neste posto, lá irei. . .

— Prosa — aparteu um dos amigos, sorrindo ironico, talvez para me estimular.

— Vocês verão — confirmei, resolutamente.

Desde aquelle momento, comecei a architectar, no meu cerebro de dezoito annos, o plano que executei e que, hoje, me parece um sonho.

Pouco tempo depois desse incidente entrei de piquete. Era um dia como os outros; tiroteiava-se por toda a parte e a todas as horas.

Para cumprir, como devia, a minha promessa, ao meio-dia mandei cessar fogo. Atei num sabre-bayoneta, um lenço branco, e levantei-o acima da Trincheira.

Defronte, o fogo cessou tambem. Nos outros pontos das avançadas, os tiros continuavam, como sempre, ora amiudados, ora rareando.

Subi ao parapeito e vi uma vedeta paraguaya encostada a uma arvore, segurando a arma escondida com o braço direito occulto. Gritei-lhe em hespanhol, que Cervantes não applaudiria:

— *Puedo ir allá?* . . .

O homem voltou-se, e logo appareceram alguns outros: entre elles um alto, muito trigueiro, de grandes bigodes grisalhos. Era o commandante, e respondeu-me:

— *Si, puedes venir. . .*

Antes de partir, disse eu ao sargento :

— Esteja attento ; não me deixe cahir vivo nas mãos daquella gente.

— Póde contar, sr. alferes — foi a resposta.

Transpúz, de um salto, o fôssô e segui em frente pela picada que a fuzilaria incessante, de todos os dias, tinha alargado. A uns dez passos da trincheira inimiga, o velho alto e trigueiro disse :

— *Deje su sable...*

Desembainhei a espada, a mesma que achára, na porta da minha barraca, a 24 de maio ; finquei-a no chão, e aproximei-me desarmado. Saúdei o commandante, que me mandou :

— *Adelante...*

Entrei no terraplano por uma abertura á direita.

O velho passou-me a mão pelo hombro e, mirando-me com olhar compassivo, perguntou :

— *Que venistes a hacer aqui?...*

— *Nada* — respondi — *vine a visitar...*

— *Sientate, pues.*

Sentei-me num tronco de urunday, o nosso páu-ferro, e vi-me logo rodeado por muitos homens, que me olhavam com curiosidade hostil. Além desses, havia outros occultos atrás das arvores.

A trincheira se parecia com a nossa, mas não tinha sacco de areia. O parapeto era feito de troncos e terra.

O velho abraçou-me, convidando-me para ficar com elle.

— *Que esperanza!* — disse eu, sorrindo — *Tu é que debes ir commigo. Nós tratamos muito bem os passados. Dizem que vocês, aqui, são muito maltratados, que o Lopez é terrivel... Vem commigo ; tráz toda a tua gente e serás bem recebido...*

O velho soldado fitou-me com um olhar, que nunca mais esqueci, de surpresa e de bondade. Talvez tivesse um filho da minha idade, que eu, naquelle momento, lhe recordava. Pôz-me a mão grande e callosa sobre o hombro, e disse com uma voz grave, cheia de melancolia :

— *Nosotros somos soldados, como tu, y nuestro honor nos manda morir por la patria. Eres mui joven, retirete...*

— *Tienes rason, amigo* — respondi-lhe.

Deixei-lhe, como lembrança, um grande lenço de sêda amarello e um cachimbinho de escuma, muito quilotado. Era o que eu possuia de mais valor. Elle deu-me um *porquinho* de coiro crú cheio de herva matte e a faca de bainha de coiro e cabo de osso guarnecido de prata, que tinha na cintura. Apertei-lhe a mão e voltei pensativo, para o meu piquête.

Quem sabe se aquelle nobre velho não foi fuzilado naquelle mesmo dia por me ter poupado? Guardo, ainda

hoje, trinta e oito annos depois, e bem nitida na memoria, a imagem sympathica daquelle soldado rude, muito alto, de bigodes grisalhos, muito trigueiro, que me mirava, generoso e bom, com olhos paternaes.

O meu espirito não procurava, então, medir o alcance dessa aventura que me parecia trivial, na qual haveria para mim desenlace peor do que a morte, a suspeita deshonorosa de uma deserção, se eu não tivesse voltado. Em nada reflectira : o essencial era cumprir a promessa, solemnemente feita, aos camaradas.

Espalhou-se a noticia do facto no batalhão. O commandante soube d'elle e não foi ao meu piquête, como costumava. Disseram-me que se mostrou muito contrariado.

No dia seguinte, quando me recolhi ao apoio, com a faca de cabo de osso guarnecido de prata, luzindo ao lado da chapa do talim, elle perguntou-me :

— Onde comprou essa faca ?

— Não a comprei, sr. commandante : deu-m'a o paraguay que commanda o piquête da trincheira fronteira á nossa.

— Foi lá ou elle mandou-lh'a ?

— Fui lá. Estava curioso por conhecer aquella posição...

Ameaçou-me com a Guarda do Exercito. Parecia zangadissimo. Creio, entretanto, que continuou a ser meu amigo, porque, dahi a uns dias, confiou-me o commando de uma força, que devia fazer uma surpresa á noite.

Havia um atirador paraguay, de fama terrivel. Diziam os soldados que era um negro. Alguns o tinham avistado. Matava muita gente nossa, de preferencia officiaes. Atirava de cima das arvores, occulto atrás dos galhos frondosos.

Quantos camaradas pagaram a esse monstro, o descuido e indifferença da morte !

O *Dezeseis* tinha um joven alferes, bahiano e bravo. (Deixem passar o pleonasma). Chamava-se Aristides Bibiano Pereira de Faria. Estava de ronda commigo na Linha Negra. Era cêdo ; não se ouvira ainda o toque de meio-dia. Percorriamos a picada até ás extremidades e nos encontravamos no meio. Tinhamos parado para conversarmos um pouco. Pediu-me uma *mortalha*, fez um cigarro e nos separámos. Mal cheguei ao posto das *Chapas de ferro*, um soldado, que vinha a marche-marche, disse-me offegante :

— Sr. alferes, Aristides está baleado e manda chamar vossa senhoria.

Apezar do habito áquellas scenas, senti-me profundamente commovido ao aspecto do amigo moribundo.

Chegaram o commandante e outros officiaes a soccorrel-o. Elle era muito estimado. Pedi licença para leval-o ao

hospital, que ficava longe ; arranjei uma padióla de varas, atadas com cipós ; forrei-a de mantas ; fiz dum capote travesseiro e cobri-a com uns raminhos para interceptarem o sol.

No hospital, o medico de dia, meu bom amigo Alexandre Bayma, examinou-o com carinho e disse-me que era gravissimo o ferimento. A bala, depois de atravessar um baralho inteiro, penetrou no abdomen e interessou o fígado.

No dia seguinte, á tarde, fui vel-o. Tinha os olhos brilhantes, os labios muito rubros e as mãos escaldantes. Era a febre da peritonite traumatica.

— Creio que me vou — murmurou elle, serenamente.

— Não penses nisso. O teu ferimento é leve — affirmei para tranquilisal-o.

— Soffro muito — continuou o misero e valente rapaz — mas morro satisfeito, porque penso, como o general Sampaio, que dizia ser feliz o homem que morre no seu officio.

— Sim — disse eu — Deus abençoa aquelles que se sacrificam pela patria.

— Tenho tantas saudades de minha mãe — gemeu elle, docemente, como se todo o coração lhe borbulhasse á flor dos labios.

Não pude mais : sahi soluçando.

Dois dias depois, fiz parte da força, que lhe prestou as honras funebres.

Tive outro bom amigo no *Dezeseis*, o capitão da 7.^a, Antonio Lopes Castello Branco e Silva Sobrinho, filho do Piauhy. Que official !... Era muito moço ; tinha o curso d'arma, muita bravura, grande talento, coração de oiro e braço de ferro. Caçador de primeira ordem, atirava como um jagunço.

Estavamos de serviço na Linha Negra, dias depois da morte do Aristides. Eu era seu subalterno. Conversavamos, muito distrahidos, no meio da picada, quando se cravou no chão, entre nós, uma bala, cobrindo-nos de terra. O Castello correu á sua carabina, murmurando :

— E' hoje que me pagas.

Com o olhar de caçador emerito, prescrutou a matta sombria e descobriu, bem perto de nós, um vulto escuro, que nos apontava a carabina, trepado numa arvore alta, por trás de um galho ramalhudo. Era talvez o terrivel assassino negro.

Assisti, emocionado, áqueile duello de morte entre o amigo querido, que se offerencia a peito descoberto e o inimigo que acabára de tentar contra a nossa vida e se escondia. O capitão apontou ; elle se sumiu. Teria medo ? Era um matador de profissão. O Castello esperou impassivel com o olho na mira, e, mal appareceu a metade da cabeça do sinistro negro, apertou o ga-

tilho : o tiro partiu e ao estampido succedeu um quebrar de ramos e um baque secco no chão.

O tiroteio recrudescu em toda a linha, occasionando-nos algumas baixas de feridos sem gravidade. Ficámos por algum tempo livres dos atiradores, que nos escolhiam para alvo, trepados nas arvores altas, escondidos na ramaria.

E continuámos nessa vida dramatica das avançadas, até que o exercito levantou acampamento e fez a marcha de flanco para o Tujucué, sob as ordens do grande Caxias.

DIONYSIO CERQUEIRA

PAGINAS ESQUECIDAS

OS PALHAÇOS

Heróes da gargalhada, ó nobres saltimbancos,
Eu gósto de vossês,
Porque amo as expansões dos grandes risos
francos

E os gestos d'entremez,

E prézo, sobretudo, as grandes ironias
Das farças joviaes,
Que em visagens, crueis, imperturbaveis,
frias,

A' turba arremessaes !

Alegres histriões dos circos e das praças,
Oh ! sim, gosto de os vêr
Nas grandes contorsões, a rir, a dizer graças
Do povo enlouquecer,

Ungidos para a lucta heroica, descambada,
De giz e de carmin,
Nas mimicas sem par, heróes da bofetada,
Titães do trampolim !

Correi, subi, voai num turbilhão fantastico
Por entre as saudações
Da turba que festeja o semi-dcus elastico
Nas grandes ascensões,

E no curso veloz, vertiginoso, aério,
Fazei por disparar
Na face trivial do mundo egoista e sério
A gargalhada alvar !

Depois, mais perto ainda, a voltear no espaço,
Pregai-lhe, se podeis,
Um pontapé furtivo, ó lividos palhaços,
Luzentes como reis !

Eu rio sempre ao vêr aquella magestade,
Os tragicos desdens
Com que nos divertis, cobertos d'alvaiade,
A troco duns vintens !

Mas rio ainda mais dos histriões burguezes
Cobertos d'ouropéis
Que tomam neste mundo, em longos entre-
mezes,

A sério os seus papeis.

São elles, almas vãs, consciencias rebocadas,
Que emfim, merecem mais
O commentario atróz das rijas gargalhadas
Que ás vezes disparaes !

Portanto é rir, é rir, hirsutos, grandes, léstos,
Nas comicas funcções,
Até fazer morrer, em desmanchados gestos,
De riso as multidões !

E eu que amo as expansões dos grandes risos
francos

E os gestos d'entremez,
Deixai-me dizer isto, ó nobres saltimbancos,
Eu gósto de vossês !

GUILHERME D'AZEVEDO.

A ROSACEA DA CAPELLA GOTHICA

A impressão colorida da vidraça gothica ficou-me indelevel no olhar como o deslumbramento fulgente e persistente de um sol. Encheu-me de um fluido luarento a grata villegiatura, idealisada num mysticismo raphaelico de desenho ethereal que arastasse todo um murmúrio de anjos que acompanham virgens, entre um côro embalado e desfallecido de fiandeiras. Ella viveu, para mim, na sua apothéose archangelica de azul e oiro, bebendo as tintas explosivas do Sol moribundo, como um fóco irradiante de vozes e de cytharas, gemido num silezio monacal de nave, por gargantas puras de enclausuradas. Lá no alto, abria-se ella num rasgão intenso, com um destaque vivo na parede vetusta e grisalha da capella extincta : era o grito obstinado e secular da ruina, como um coração engastado nos rendilhados subtis da pedra, dizendo a via-sacra da Côr sob as rutilancias do Sol, sob os afágos da Lua.

Babugens de algas escorriam dos beirões em couraças verdes que encobriam o peito das caryatides, pelo meio das pedras esmoronadas encurvava-se a saliencia de um musculo, via-se um thorax decepado, uma cabeça em visagem sobre que cahia um toucado de heras viçosas. A's vezes, uma curva de ogiva demandava o azul, cortada bruscamente na sua viagem como uma aspiração assassinada, e o bloco massiço de um santo desenhava no espaço um gesto violento, envolto em roupagens agitadas e hirtas. E todo este agrupamento granitico destacava no alto da rocha, desamparado e altivo, inaccessivel quasi que mais se diria uma dependencia do céu. Um cypreste perfilava, ao pé, a sua attitude erecta de sentinella funebre, guardando a sepultura de um ermita secular, cuja lenda ungia a arcaria e o valle num perfume religioso e santo de thuribulo.

Entardecia. Uma liquefação de sanguinea alagava o céu, ruborizando uma tira de agua pacifica entre aservas velludas, que ia para longe, fundindo, na linha do horisonte, o seu vermelho com a explosão do alto. Era como um pedaço de sangue espalhado pelo coração do Sol, que cspirrara sobre a terra numa fita lminosa, de um lacre vivo de arteria, disseminando nos traços finissimos das junças uma capillarisação de notas escarlates. Manchas de charcos immoveis, disseminados na planicie, filigranas delicadissimas de ramusculos, os vidros incendiados de uma vivenda ao longe, tudo o que oitava o Sol, ensopava-se nessa pulverisação triumphal de gloria olympica. Porque a explosão esfarrapada do rubro lançara sobre os montes

tambem a sua viveza faiscante de brazido, dominando e çançando o polvilhamento loiro das folhas, pallidas já nas primeiras exhaustões outomnaes da seiva. O cypreste mesmo, taciturno na esterilidade da sua tristeza, córava tambem, lá no alto, como dominando esta congestão immensa.

Mas a alma, a alma sangrando viva neste emaciamento de purpura, o côro triumphal que irradiava como a essencia sonóra de Côr, dispersa em notas de gargantas crystalinas e extra-humanas, a symphonia medieval e candida de uma ascensão de espiritos acompanhando um fremito de azas, vivia alli nos reflexos córados da rosacea gothica.

As onze mil virgens desenrolavam, em circulo, numa peregrinação infinita e sacrificada, as linhas primitivas de pureza idéal, quasi abstracta, de olhos rasgados e luminosas de bondade, nadando num fluido liquido, como a essencia da graça. Cantavam, choravam es hymnos virginaes das Origens, a musica divina das esferas, os primeiros cantos que a Terra-Mãe ouvira, modulados já nessas paysagens perdidas de edenica belleza, de que a Biblia conta, antes do Peccado Original. E indifferentes ao revolutear vário e contradictorio da Vida, intangiveis e insexuaes, cantavam na luz immaculada a sua aspiração branca e eterna de castidade. As suas fronte, lisas entre os bandós doirados e ondedos de messe, eguaes e gemeas, como o destino igual que as aconchegara, convergiãam todas para o centro da rosacea onde o symbolo ritual da sua pureza se desenhava, branco, na fórma graciosa e delicada de um lyrio. Os mantos, como farrapos de céu, que as alongavam afileando-as, quasi não tocavam a sua nudez emmagrecida e seraphica, num derradeiro gesto de desdém e de ancia espiritual. E afogueadas pela luz vehementemente do Sol, que as ungia bondosamente com o seu beijo de gigante, fecundo e masculino, parecia entoarem entre as vibrações atomicas da luz agonisante, no pincelamento alagado desse céu de incendio, o hossana final da Côr, a morte enraivecida dos Brilhos e das Scintillações.

Morria a luz, preguiçosa e lenta, e já a Lua era no céu como um laivo de neve a derreter-se. Longe, numa dobra de serra, elevava-se um fumosito bafejado e leve como um halito, esbatia-se no azulamento frigidido, violáceo, quasi desfallecido numa anemia de côr e de alma. A emanação leitosa das florescencias e das sombras que se aninham, vinha desenrolando do valle a sua ronda vaporizada de volatilisações aquosas em flocos liquidos de tule que se desfaz : pairava já um silencio recolhido e sideral, como um cansaço ou como um agradecimento mudo das

Coisas á luz acariciante e fresquissima da Lua. Uma dissolução de luar prateára a immobilidade da agua, alongando para além a tira luminosa e liquida, esfuminhada ao longe entre a sombra das altas hervas. Nada corria no ambiente meigo, as ondulações immaculadas arfavam em fremitos silenciosos como seios de virgens, na montanha havia o recolhimento immenso, deificado, azulado de uma colina do céu.

Lá no alto, ao pé do cypreste rigido e severo, a rosácea gothica resplandecia, numa alvura de hostia que se elevava, pura como um santuario, sob o afago gelado da luz branca. Um circulo de azulejos envolvia-a num disco de aureola, irradiando uma luz rebrihante e mineral: uma frieza polar arrefecia os tons, e nesta emanção leitosa da côr uniforme, sem caracter e sem vida, a alma tentava um vôo, tremendo toda, para um abrigo acolhido que conservasse a nostalgia do Sol. As virgens da rosácea, brancas como uma toalha de altar, emmudecidas num silencio arripiado de cella, pareciam mais transparentes e ethéreas, mais desdenhosas e intangiveis, diluidas num banho de graça, no momento supremo da consagração divina. Enlevadas num extasis de absoluto prazer, parecia dissolverem-se como laivos de bruma, sem voz e sem linhas, immateriaes, perfeitas, engastadas no sereno brilho de uma contemplação, banhadas pela eterna luz, crystallizadas na eterna tranquillidade immutavel. E o sorriso que as ungia como um agradecimento mudo, era tão brando e tão tremulo, que dir-se-hia uma ondulação do silencio. O seio do Senhor abria-se como um tabernaculo acolhedor e agasalhado, entre luzeiros sempre vivos, numa ladainha de murmúrios calmos, dando as boas-vindas aos limpidos romeiros da Pureza — symbolo pacificado da patria dos eleitos. Tudo olhava este tenue desprendimento ascencional, projectando no céu uma estrada lucida de brancuras: em volta, na Natureza, havia um silencio tumular como o que deve haver entre os astros.

Subito, com a precisão electrica de uma corrente, vibra uma risada em timbre, prolongada e fria, como lançada por um bando de espectros dantescos, girando num rodopio infernal e contorcido, para o concilio da meia-noite. Dir-se-hia o tremulo metallico e phosphorejante de uma aparição de magica, um rangido sêcco de ossos que se trituram, lembrando fórmulas occultas na protecção das sombras, agitadas numa bacchanal de prazeres e de odios, enovelando-se em anceios gritados de voluptia e de morte, estorcegando-se, dando ais que o luar arranca e beija para lançar no espaço branco toda uma agitação luminosa de

concupiscencia. A folhagem envelhecida, tentando ainda um derradeiro esforço de seiva extravasada, tremulava em caricias de vozes que segredam baixinho coisas que passam como philtros, murmúrios rezados na religião do amor, bafos de aromas quentes e fecundantes. E a nevoa alva, como um emissario da Lua, arrastada num langor de preguiça, esbatida em curvas lacteas de epiderme, fazia a ronda nocturna das alcôvas nupciaes que a natureza alfombra para as almas que arrastam no azul a nostalgia magoada de um collo branco, que arquejou por ellas, ao morrerem. Outras almas, tristes como violinos, andavam dispersas na luz, diluidas em canções derradeiras de ingenuos amores infelizes. Uma creança chorava, de olhos enygmaticos de espanto, num abandono cheio de presagios.

E' então que o luar condensa, em baixo, na tira argentea da agua immovel, uma fórmula de Mulher, radiosa e pagan, altiva num gesto de apothéose, essencia da Luz e dos Sons, sacrario quasi immaterial dos Prilhos e das Fórmulas. Emergira do seio da terra como um trecho de Lua, impavida e serena, marmorea e immortal, como o sonho de um grego, vindo fazer a concertante do côro abafado e intimo da noite creadora, espalhando num gesto de seára cheia de fructos, as ondas magnificas dos seus poderosos cabellos loiros.

Um fremito de notas agradecidas vôou para ella como um bando de pombas, no estremecer repetido de uma aclamação immensa. A Lua lançára-lhe a sua benção protectora de todas as noites, e a agua, brunida e clara, reproduzia-lhe a imagem nitida, como bebendo-a. E toda a noite, gemidos de confissões chegavam até ella, revelações de prazeres indiziveis e sonhados, queixas choradas numa perda irreparavel, todo o cortejo das amorosas que gotteja o sangue da mentira, diz o entusiasmo do prazer inédito, canta a tranquillidade imperecivel da absoluta posse. A Fada Branca ouvia o martyriologio das Chimeras, evocava e consolava, espargia novas dôres, semeava os abrolhos de novos prazeres. Fria e voluptuosa, tremia toda em arripios vigorosos de desejos contidos, elevava num rythmo de palpitações carnaes a linha dura dos seios, aguçados sobre os murmúrios do valle, como rochas immoveis onde vinham bater as ondas bafejadas do luar purissimo.

Fôra ella que na Meia-Edade, arrastando um cortejo incoherente de espaldas, de ventres afofando-se em sedas macias, de bôccas mordidas, fizera tremer, num terror sagrado, a carne macerada do velho monge, enterrado, no alto, á sombra recortada das arcaas gothicas; fôra ella que lhe assas-

sinára a prece mil vezes repetida, fazendo-o gritar num extasis de contricção, roído já de Duvida, o nome dôcco do refugio: *Jesus, Jesus, Jesus* .. E girando através do tempo, rolava sobre a eternidade do seu somno a mesma gargalhada de tentação como se o quizesse fazer agitar e rugir, ainda, no leito secular. Emergindo na tristeza quieta deste valle monastico, punha a nota rubra de uma blasphemia, echoando bruscamente na quietude de um templo: era como um desafio da Vida, exuberante e forte, cahindo satanicamente sobre a sêcca e arida Renuncia, o tremulo-cheio da Fecundidade, cantando a sua marcha guerreira e serena no meio dos applausos fecundantes da Natureza inteira. Tudo se elevava, numa prece, para esse symbolo da procreação.

E o olhar desdenhoso das virgens da rosácea, tão gelidas sob o luar? Olhei. A sombra do cypreste encobria-as tenebrosamente como um crepe, isolando-as, numa protecção, deste extravasamento luminoso e calido.

JOÃO BARREIRA

* * *

OS DESTERRADOS DE ABRIL — AS VOLTAS DO MUNDO — «DIARIO OFFICIAL», ANNO XXXI, N. 102 — 13 DE ABRIL DE 1892 :

«O vice-presidente da Republica dos Estados Unidos do Brazil;

Considerando que é supremo dever do governo a manutenção da ordem e segurança publica, sem as quaes periclitam todos os grandes interesses sociais;

Considerando que *máus* cidadãos, abusando das immunições dos cargos em que os investiu a soberania nacional, attentaram contra ella propria, que tanto vale conspirar contra os seus legitimos e constitucionaes representantes;

Considerando que, a pretexto de manifestar ao cidadão que primeiro exerceu a presidencia da Republica, praticaram-se actos bem caracterizados de *conspiração* e *sedição* (art. 115 § 4º e 118 do Codigo Penal);

Considerando que a situação melindrosa do paiz, ainda em periodo de reorganisação politica e reconstituição financeira, mais imperiosa torna a necessidade de paz publica, de confiança e de estabilidade;

Considerando que a *impunidade de attentados semelhantes*, commettidos na propria séde do governo, na praça publica, com *escandaloso desacato e acinte aos poderes constituidos*, e por alguns mandatarios do povo, altas patentes do Exercito e da Armada, pretensos representantes da opinião publica, seria causa fecunda de maiores calz-

midades e mais graves commoções, que ao governo incumbe a todo transe impedir ;

Considerando que importa, de uma vez por todas, encerrar o *periodo de desordens e sobresaltos* que tanto nos desacreditam e prejudicam no conceito das nações estrangeiras ;

Considerando que, a vingarem ou mesmo prolongarem-se taes perturbações da ordem publica, impossivel se tornaria qualquer governo regular, e seriam inevitaveis consequencias — a anarchia geral, o desmembramento da Patria pela separação dos Estados, os horrores da caudilhagem, o sacrificio da fortuna publica e particular, a completa ruina das nossas finanças ;

Considerando que as medidas de rigorosa repressão, que a salvação publica impõe, traduzem os votos patrioticos de todos os bons cidadãos, civis e militares, desde os mais elevados postos e cargos até aos mais obscuros, porém dedicados servidores da Republica ;

Considerando, finalmente, que as instituições republicanas, ainda ameaçadas por *exploradores de todas as ruins paixões*, têm hoje a seu favor os mais solennes testemunhos da consciencia nacional, e que, portanto, hão de ser mantidas á custa de quaesquer sacrificios,

Resolve, de accordo com art. 80 § 2 da Constituição e nos termos do decreto n. 791 de 10 do corrente mez e até ulterior deliberação,

DESTERRAR :

Para Cucuhy, Estado do Amazonas :
DR. JOSÉ JOAQUIM SEABRA,
CORONEL REFORMADO ALFREDO ERNESTO JACQUES OURIQUE,
MARECHAL JOSÉ DE ALMEIDA BARRETO,
MAJOR REFORMADO SEBASTIÃO BANDEIRA,
MANOEL LAVRADOR,
JOSÉ CARLOS DO PATROCINIO,
CONDE DE LEOPOLDINA.

Capital Federal, 12 de abril de 1892,
4º da Republica.

(Assignados) :

Floriano Peixoto,
Fernando Lobo,
FRANCISCO DE PAULA RODRIGUES ALVES,
Antão G de Faria,
Serzedello Correia,
Custodio de Mello,
Francisco A. de Moura. »

O BOM JUIZ

(Conclusão do ensaio «Miseria e Crime» (*)

Certo, no seculo passado, em mais de uma sentença se proclamou o *direito á vida*, manifestado pelo "furto necessario" Juizes de varias nacionalidades fôram levados, por vezes, a esquecer, até certo ponto, a inflexibilidade das leis penaes, para attender aos reclamos de um sentimento todo fraternal e aos impulsos generosos dos seus corações propensos ao Bem — ao terem de enfrentar com pobres furtadores de alimentos.

Mas, nenhum magistrado ousou mais bravamente fallar a verdade, em favor do pobre contra a dureza da lei penal; nenhum juiz se compenetro mais fuudamente do *direito á vida*; nenhum membro da sociedade dinheirosa e altaneira se afastou tanto da sua gente para commungar com os desherdados da fortuna — do que o presidente Magnaud, do tribunal de Chateau-Thierry.

Dirigindo a justiça em uma localidade sem importancia, desconhecido até sete annos atrás, conseguiu ter, hoje, um nome de bôa fama universal cercado de admiração e de prestigio. Jorge Clemenceau, em vibrante artigo publicado, em março de 1898 na *Aurore*, de Paris, chrisinou-o *Bon Fuge* — e desde aquella epocha o appellido glorioso se tem mantido, através de sentenças tão inspiradas de principios humanos como a que motivou, principalmente, a celebridade de Magnaud.

Antes, havia elle proferido decisões em que affirmava, com inexcedivel bravura, o dever de introduzir, nos tribunaes o respeito á vida e á desgraça; mas, o movimento operado em redor da sua bella iniciativa humanitaria só se revelou com a absolvição de Luiza Menard, accusada do furto de um pão. A sentença tem a data de 4 de março de 1898. Desculpada a fraqueza da tradncção, eil-a, na integra:

«Considerando que Luiza Menard, accusada por furto, reconhece ter-se apropriado de um pão no estabelecimento do padeiro P.;

Considerando que ella se mostra mui sinceramente arrependida de ter sido levada a commetter esse acto;

Considerando que a accusada tem a seu cargo um filho de dous annos, em cuja mantença ninguem a auxilia, e que, desde ha algum tempo, não obtem trabalho, a despeito dos esforços que tem empregado para obtel-o;

que é bem vista na sua communa e passa por ser trabalhadora e bôa mãe; que agora o seu unico recurso se limita a dous kilos de pão e duas libras de carne, que semanalmente lhe

são dados pela repartição de beneficencia de Charli, para ella, sua mãe e seu filho;

Considerando que, no momento em que a accusada se apropriou do pão em casa do padeiro P., não tinha dinheiro e que os generos que recêbera estavam esgotados, havia 36 horas;

que nem ella nem sua mãe tinham comido, durante esse tempo, deixando para a criança algumas gottas de leite, que existiam em casa;

que é iamentavel que numa sociedade bem organizada, a um dos seus membros, mórmente a uma mãe de familia, possa faltar o pão, por motivo que não lhe seja imputavel;

Que, quando tal situação se apresenta, e que fica, como no caso de Luiza Menard, muito precisamente estabelecida, o juiz pôde e deve interpretar humanamente as inflexiveis prescripções da lei;

Considerando que a fome tem força para tirar ao ser humano uma parte do seu livre arbitrio e diminuir nelle extraordinariamente, a noção do bem e do mal;

Que um acto, ordinariamente reprehensivel, perde muito do seu character fraudulento, quando aquelle que o pratica procede apenas impellido pela imperiosa necessidade de obter alimentação, sem a qual não funciona nossa organização physica;

Que a intenção dolosa é ainda bem mais attenuada quando ás torturas resultantes de longa privação de alimentos vem juntar-se, como no caso em questão, o desejo muito natural, por parte de uma mãe, de evitar essas mesmas torturas ao filho que só ella sustenta;

Que dahi resulta que todos os caracteres da apropriação dolosa, livremente e voluntariamente executada, não se reúnem no acto commettido por Luiza Menard, que se offerece para indemnisar o padeiro P., com o producto do primeiro trabalho que obtiver;

Que si certos estados pathologicos, notadamente o estado de prenhez, têm, muitas vezes, permittido absolverm-se como irresponsaveis as autoras de furtos perpretados sem necessidade, deve esta irresponsabilidade, com mais razão, ser admittida em favor de quem procede sob o impulso irresistivel da fome;

Que ha motivos, portanto, para julgar improcedente a accusação, sem ficar a ré obrigada a custas e por applicação do art. 64 do Cod. Penal, o tribunal absolve Luiza Menard.»

... ..
... ..
Esta sentença que proclamou, na phrase de Henrique Leyret, o direito á vida anterior ao direito á propriedade, essa decisão que obrigou a Lei inclinar-se perante a Fome—provocou

(*) V. nos. 7 e 8 dos Annaes.

barulhada infrene. (*) A velha magistratura franceza sentiu-se atacada em seu reducto de pacifica defensôra do Capitalismo, interpretando o acto de Magnaud como a deserção de um soldado traidor, que se tivesse passado para as fileiras dos pobres e dos humildes !.

A imprensa pariziense, obedecendo, na sua maioria, a inspirações officiaes ou judiciarias, recebeu a humanitaria sentença com doéstos e sarcasmos, alguns tão brutaes quão isentos de espirito. No Parlamento reflectiram todas essas indignações mal contidas; houve interpellações ao governo, sendo o ministro da Justiça forçado a declarar que o presidente Magnaud não exprimia a opinião geral da magistratura — o que, aliás, toda gente sabia. Parecia que a propriedade experimentava o pavor das grandês catastrophes; a absolvição da inditosa Luiza Menard surgia, deante dos olhos esgazeados dalguns, como o clarão de um incendio devastador que estivesse ameaçando bens e fortunas, accumulados durante um seculo de pacifica expoliação burgueza...

Magnaud, porém, altivo e sereno, continuou sua obra de bondade e de equidade. Desde logo, algumas sympathias o animáram; alguns valentes pulsos o auxiliáram.

O publico correu a subscrever em favor de Luiza Menard, que se viu liberta da miseria. O jornal feminista LA FRONDE offereceu-lhe o emprego que ella occupa até hoje. Já notámos o successo do artigo de Clemenceau, unindo ao nome do magistrado de Chateau-Thierry, o feliz appellido que como o substitue.

A Côrte de Appellação de Amiens, que desde certo tempo testemunhava sua desapprovação a tudo que fazia o presidente Magnaud, viu-se dessa feita, obrigada a acceitar a conclusão da sua sentença, embóra sem lhe adotar os motivos.

Ao menos, absolveu tambem. Já não foi pequena a conquista.

A importante *Gazete des Tribunaux*, de Pariz, abrindo debate juridico a respeito da applicação do art. 64 do Cod. Penal francez ao caso do furto necessario, reconheceu ser ella juridica.

De toda a parte, recebeu o bom juiz cartas e telegrammas de felicitações.

A's criticas de bôa fé elle entendeu dever responder, justificando sua maneira de pensar perante a lei e a doutrina. Não só enviou uma carta á *Aurora*, que o tinha applaudido, como dirigiu, depois, algumas explicações á *Republica Franceza*, que o havia atacado desabridamente. A' primeira dizia Ma-

gnaud, 12 dias após haver proferido a memoravel sentença : « A fome, depois de trinta e seis horas de jejum, parece-me bem ser uma força a que não se pôde resistir. Não é possivel fallar, em casos taes, de vontade livre, nem de discernimento. Toda questão reside em saber-se si a fome foi simples pretexto, ou uma necessidade real e absoluta, dominante, na occasião do furto, e si, por isso mesmo, a subtracção fraudulenta não passou de um gesto instinctivo e mecanico.»

Foi ainda nesse sentido, querendo fixar o limite da impossibilidade no caso em discussão, que elle doutrinou, dois annos depois, em uma sentença :

« A fome, para ser causa de irresponsabilidade penal, deve ser comprehendida, não como essa vontade de comer que nos opprime passadas algumas horas depois de um precedente repasto, mas como uma abstinencia forçada e de tal fórma prolongada que por ella a existencia possa ser comprometida ; nessas condições, a fome torna-se uma força irresistivel que, de accordo com o art. 64 do Código Penal, faz desaparecer o delicto e obriga a absolvição do accusado, por carencia do elemento doloso.»

Na carta que a *Republica Franceza* publicou, forçada por decisão judiciaria, em agosto de 1899, Magnaud ensinava aos ignorantes e aos criticos de má fé, a differença entre seus principios do perdão, sustentando a justeza e a base perfeitamente juridica dos seus julgados.

Não escurecemos, com Felix Marchand, que a concepção do bom juiz desmerece o reconhecimento do *direito á vida*, uma vez que se apoia no art. 64 citado, onde se cogita de uma derimente, qual é o constrangimento por força irresistivel. Mas, isso mesmo foi attendido pelo eminente magistrado. A prova está no projecto da lei por elle apresentado e francamente acceito por Millerand, que o apadrinhou perante o parlamento francez. Tratava-se de reconhecer o estado de necessidade, prescrevendo que não seriam puniveis os que commettessem crimes, constrangidos pelas ineluctaveis necessidades da sua propria existencia ou da existencia de pessoas que estivessem, legal ou naturalmente, a seu cargo. Em todo caso, o juiz de Chateau Thierry encontrou apoio em mais de um jurista no tocante á applicabilidade do art. 64 a situações como o de Luiza Menard. O dr. Daniel Folleville, decáno honorario da Faculdade de Direito de Pariz, e o notavel advogado belga Paulo Janson, fôram dos primeiros a apoiá-lo, nesse sentido. Não menos interessante foi o estudo do dr. Maximo Leroy, professor no Collegio Livre de Sciencias Sociaes, de Pariz, commentando juri-

dicamente, no *Temps*, as decisões do presidente Magnaud (18 de março de 1898).

Fóra da França, o bom juiz mereceu muito depois da absolvição de Luiza Menard e quando publicadas todas suas decisões até 1900, os mais calorosos applausos de homens cheios de responsabilidade, como o magistrado italiano Raphael Majjetti e o seu compatriota e collega Lino Ferriani (*).

A repercussão da *justiça a Magnaud* é, na epoca actual, evidente no mundo judiciario francez. Em discursos inauguráes de audiencias, em circulares do chefe do Ministerio Publico, em decisões de varios juizes, surgem, quando não referencias directas, ao menos manifestações de innegavel solidariedade com o juiz humanitario.

Em discurso pronunciado numa audiencia solemne, o advogado geral de Nancy, Marchand, tomou para thema « o furto em caso de extrema miseria e o estado de necessidade ». Então, disse que é de mister conceder mais protecção á vida, porque o direito de propriedade deve ser temperado com o principio da solidariedade humana. Em Pariz, notou o fino chronista judiciario do *Figaro*, Henrique Varenne-alguma cousa se tem mudado no Fôro; os magistrados se encastellam menos dentro da rigidez da lei morta e fria ; a piedade e a caridade vão penetrando a alma do Direito; a pouco e pouco, se váe formando uma jurisprudencia de bondade.

Entre os de outros magistrados que decididamente acceitáram as idéas de Magnaud, celebra-se o nome do presidente da 8ª Camara Correccional, Séré de Rivières, appellidado o *bom juiz pariziense*. Foi elle quem disse que a *solidariedade* é obrigatoria em principio, para garantia da vida social e só ella deve inspirar á justiça.

Longe de Pariz, citam-se os juizes Lévie, presidente do tribunal de Ajaccio, e Devillebichot, presidente do tribunal de Autun. Inspiram-se nos mesmos sentimentos, introduzindo humanidade nas decisões judiciarias.

Todos esses são *bons juizes*, que seguem o exemplo do de Chateau Thierry. E, na phrase burilada de Anatole France, o bom juiz deve unir o mais alto espirito philosophico á simples bondade.

.....

E dizer-se que todo esse bello movimento, que ainda se está operando, resultou quasi exclusivamente da absolvição duma esfaimada que furtou para comer ! Isso consôla.

A Justiça, parece, váe deixando de

(*) V a obra de Lezrey — LES JUGEMENTS DU PRÉSIDENT MAGNAUD. 1900. pags. 16 e seguintes.

(*) V. LES NOUVEAUX JUGEMENTS DU PRÉSIDENT MAGNAUD, por Henrique Leyret, 1903, pag. 37.

ser, afinal, a *sanção das injustiças estabelecidas* (*).

Os codigos olham para o passado, a magistratura humanitaria olha para o futuro.

Dia virá em que, reformada a legislação penal, os *bons juizes* serão maioria, para bem da misérea creatura humana.

EVARISTO DE MORAES.



O ALMIRANTE (9)

ROMANCE POR DOMINGOS OLYMPIO

CAPITULO VI

Fez-se o cadastro do vasto territorio da fazenda com a indicação de suas applicações á cultura, á industria extractiva conforme a constituição geologica de extraordinaria variedade e incomparavel riqueza.

Uma grande área da terra primitiva e farta, coberta ainda de floresta soberba, foi cuidadosamente demarcada e subdividida em pequenos lotes, tendo cada um delles uma casinha para habitação dos colonos italianos, encommendados, em S. Paulo, a uma agencia de immigração, para formarem o primeiro nucleo de um grande plano de colonisação do latifundio da marquezia de Uberaba, como lição intuitiva aos fazendeiros daquella zona fertilissima, estiolada pela rotina.

As senzalas fôram reformadas, pintadas de côres alegres para desinfec-tal-as do fartum do preto, adherente ás paredes ennegrecidas de fuligem, para apagar os vestigios da escuridão, que seria um espantão ao colono branco. A ancestral casa velha, de estylo colonial, agarrada á magnifica igreja, como se, na época da descoberta dos invios sertões selvagens, o trabalho dos valentes aventureiros buscasse o abrigo da casa de Deus, foi adoptada á função de escola, destinada á educação dos filhos dos colonos.

Nesse trabalho de reconstrucção, de reparação scientifica e humanitaria, fôram empregados engenheiros, artistas e uma legião de operarios ganhando salarios elevados porque a marquezia não regateava meios: ia em linha recta, sem hesitação, aos seus elevados fins, toda entregue ao seu plano, apparentando absoluta confiança no exito.

Viéram depois as machinas; foi um nunca acabar de grandes volumes, enormes caixões, contendo peças de ferro complicadas, pulias, entrosagens

alambiques, moendas, turbinas, aparelhos para beneficiar o café, para fabricar farinha de mandioca e para o aproveitamento das preciosas madeiras da floresta. Foi preciso construir um carro especial para conduzir as caldeiras colossaes e as peças do motor da mais proxima estação da estrada de ferro.

A marquezia requerêra ao governo permissão para construir um ramal para a fazenda; mas... como sempre acontece, e graças á tradição vesanica de contrariar por meio de futeis entraves os impulsos da iniciativa individual, o papel percorria infindos tramites administrativos e soffrêra já uma pessima informação da directoria da estrada, allegando, em longa demonstração temperada de citações de leis, de decretos e de avisos, que tendo ella privilegio de zona, seria illegal, absurdo, conceder um ramal particular, muito embóra a supplicante o construísse á sua custa, sob a fiscalisação do governo e pagasse pelo transporte na linha construida os fretes da tarifa official em vigor, uma tarifa que se diria feita com o intuito especial de reduzir o trafego a proporções minimas. Além disso—concluía a informação meticulosa e erudita—a concessão desse ramal seria um precedente de todo o ponto de vista perigoso porque, provavelmente, outros fazendeiros, nas condições da marquezia, solicitariam igual favor, perturbando e complicando, com essa intervenção de iniciativa privada, a função do proprio nacional, que estava destinado a ser o principal instrumento do progresso da riquissima zona de seu percurso.

Fatigada de esperar despacho, esgotados a paciencia e o prestigio dos amigos politicos contra a chicana invencivel do funcionalismo, uma das mais corrosivas pragas desta terra de burocratas, mechanicos, automaticos e ronceiros, mandou reparar a velha estrada de rodagem, solidificar as pontes e cortar desvios, numa extensão de vinte kilometros, para que o pezado e enorme material fôsse transportado são e salvo.

Foi dia de festa o da chegada das caldeiras sobre enormes carros, tirados por muitas juntas de bois, marchando, lentamente, a passo tardo, offegantes de fadiga, os focinhos lubrificadas de bába pegajosa, musculos repuchados num esforço titanico e os meigos olhos vesgos a supplicarem a libertação daquelle trabalho torturante, sob os brados dos conductores e as espetadas de ferrões acerados. Os monstruosos cylindros de aço vinham enfeitados de palmas, ramaria virente e grandes festões de flores sylvestres, a bandeira nacional e galhardetes tremulando ao rijo vento sertanejo. Sobre um delles, trepára a banda de musica da villa

proxima, uma charanga desafinada, estrídula, cujo principal instrumento era um bombo a trovejar incessante, encantando a gente curiosa, os convidados, os trabalhadores, os fazendeiros presentes áquella festa de civilisação e progresso, de que aquellas caldeiras erão os mensageiros, conduzindo no bojo amplo os germens da força colossal, que transformaria em eden de actividade fecunda, a velha fazenda colonial apodrecida na rotina. Os carros cessaram de rinchar e pararam entre brados de victoria que estrugiam nas quebradas da serrá; de concerto com gyrandolas de foguetes, ribombos de ronqueiras, ao mesmo tempo que, no interior do palacio espoucava champagne regando as congratulações hypocritas dirigidas á marquezia pelo seu extraordinario empredimento. Os velhós fazendeiros se entreolhavam com geitos de incredulidade sardónica, e apoiavam a opinião irreverente do Gião, que parecia afflicto, como se o dinheiro gasto em tamanhas obras e prodigalidades inuteis, lhe fôsse arrancado das duras entranhas; e murmurava que, pelos modos, a patrôa acabaria no hospicio, numa camisôla de força, ou na miseria.

Proseguiram as obras com vehemente actividade. Por toda a parte se ouvia o suggestivo rumor do trabalho fecundo, o troar dos martellos, o chiar das serras, o offegar dos fôles oxigenando as chammas das forjas nas officinas improvisadas, a algazarra alegre dos operarios échoando no recesso da matta virgem, nas frágoas dos morros, onde alvejava ao sol o jasmin dos cafezaes em flor. Em companhia do dr. Sumer, a marquezia administrava as construcções, a montagem das machinas. Trajando rigoroso lucto, ella, desde a madrugada, apparecia nos sitios mais afastados do palacio, ora reclinada, mollémente, nos coxins do *break*, puchado por magnificos trotadores do Kentucky, ora montada no seu creoulo favorito, o corpo esbelto de mulher perfeita, bem modelado na estreita amazona, ou a pé, passeando de vagar, com attitudes de fadiga e tristeza que lhe ensombrava os bellos olhos languidos e amortecidos nas orbitas rouxeadas. Dir-se-ia que ao condão do seu prestigio, ao influxo do seu espirito creador, surgiam do seio da seiva, por encanto, milagres de arte e de industria, transformando, adaptando os restos caducos do primitivo esforço da raça morta em nucleo de actividade moderna, estabeleceu a usina idéal, um grande exemplo para os scepticos.

O anniversario da lei redemptora do ventre escravo foi escolhido para a inauguração da colonia, que seria denominada *Princesa Isabel*, com licença especial de Sua Alteza, carinhosamente interessada no exito da generosa empreza da marquezia de Uberaba.

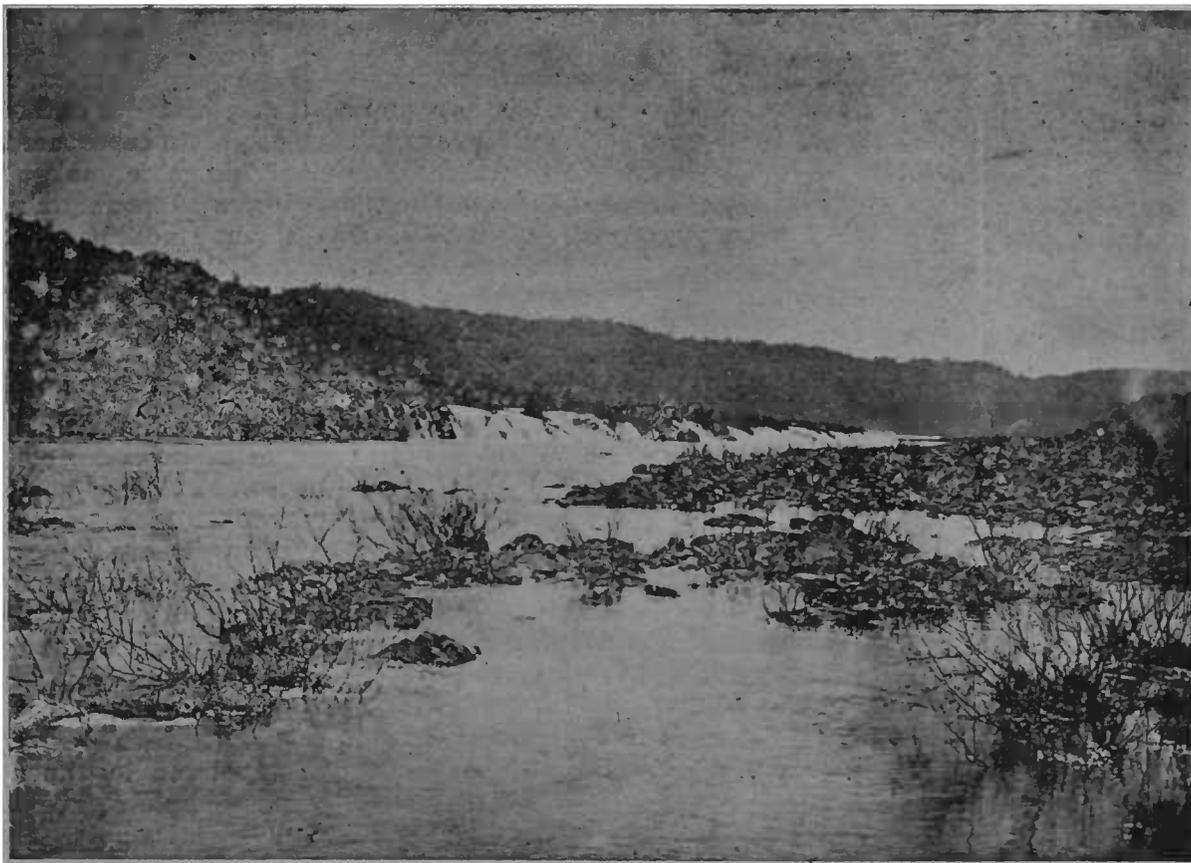
(*) ANATOLE FRANCE, na deliciosa novella CRAINQUEBILLE.

Assim que empallideceu o céu da manhã de 28 de setembro, o apito dos enormes geradores de força e movimento vibrou no silencio como o grito triumphal do despertar de uma nova era de progresso; e a passarada estremunhada que, em pios dispersos, afinava as gargantas crystallinas para entôar o glorioso hymno matinal, no bosque humedecido de orvalho, nos pomares oberados de fructos, esvoaçou espavorida pelo estranho ruido, jamais ouvido naquellas paragens tranquilladas, apenas perturbadas pelo rangir dolente dos eixos ensebados dos pesados carros puchados por bois, ou os échos dos machados mordendo os troncos rijos. Novellos de fumo negro jorravam da extremidade das altas chaminés e as valvulas de segurança projectavam, a

com que tudo fôra feito, supuzéramos haver tudo previsto; mas o acaso, forças maiores emergentes, inesperadas, engendraram insuperaveis obstaculos á completa realisação do seu querido plano. Soubéramos por um proprio que os colonos se haviam revoltado, em viagem, no trem especial que os conduzia; ameaçaram de morte o representante da empresa de immigração; agrediram o conductor; provocaram conflictos nas vendas proximas ás estações, onde o trem parava para se prover d'agua ou aguardar as passagens dos do horario. Fôra preciso intervir, energicamente, a policia local para que elles continuassem a viagem; e lá estavam, na estação, empilhados em formidavel promiscuidade, mais de quatrocentos homens, mulheres e cre-

fregemôscas, dirigido pela Colleta, com a Chica na cosinha, e na sala dos freguezes um rapaz portuguez muito vigoroso e alambazado, com pratica de cantar quitutes do succulento cardapio. Collecta, bella creoula retinta e forte se submettêra a esse trabalho por amor ao Gião, que era o seu tudo na terra, abaixo de Deus, e por que era tempo de cuidar do futuro dos filhos, galantes mulatinhos, muito espertos e ladinos, nascidos de amôres como aquelle que Oscar surprehendêra, em embryão, no Paraiso.

— Não te esqueças, filha — disse-lhe Gião, batendo-lhe carinhosas palmadas nas lustrosas costas de ebano, — de preparar uma caldeirada de maccarrão que é o de comer dessa cambada de carcamanos. Macarrão e angú de mi-



SALTO DO MOCONAN, NO RIO URUGUAY

golfadas e chiando, alvissimos jactos de vapor. Os trabalhadores, trajando fatos domingueiros, estavam a postos: erão libertos, escravos e portuguezes bisonhos e fortes, attrahidos pelo generoso salario promettido pelo Gião, enquanto não viessem as cem familias de colonos que haviam chegado, dois dias antes, á estação do caminho de ferro.

Os colonos, — era o que faltava para que fôsse completa a festa da inauguração do nucleo industrial, da fazenda modelo — *Princesa Isabel*.

A marquezia disfarçava a sua contrariedade por esse accidente, recebendo com amabilidade fidalga os convidados accorridos ás centenas, para testemunharem o extraordinario acontecimento. Ella, apesar da precipitação

anças, á espera de conducção para a fazenda, porque não estavam habitua-dos a caminhar e se queixavam todos da fadiga da accidentada e penosa viagem. A marquezia providenciára, para que lhes nada faltasse — comida abundante, excellente carne, legumes, café e leite; e lhes enviára, na vespera, todos os vehiculos disponiveis e uma grande tropa de burros arreados.

Gião estava muito atarefado em aviar os freguezes que iam bebericar na sua venda, a *Flor do Minho*, grande armazem de seccos e molhados destinado ao fornecimento de provisões aos habitantes da colonia. De accordo com a patrôa, elle se encarregára de resolver essa parte do problema, adiantando genero por conta do salario. Nos fundos do armazem, havia um

lho, regado pela surrapa do tal Albalnelo, que eu púz com agua em garrafas de Chianti, são um regalo para essa corja de vagabundos que, em se lhe tirando o realêjo, a caixa de engraxar ou o tacho de metal, panellas e canécos, para nada mais prestam. Homens para o trabalho, burros de carga não ha como nós outros portuguezes, que fizemos este Brazil o que elle é: nós e os pretos. Vejão se os taes colonos chegaram a tempo... A patrôa não quer dar o braço a torcer; mas não fôsem os meus galêgos, isto que ahi, anda, essa trapalhada de modernismos, estaria por fazer. E ainda verá boas, quem viver. Colonisação é isto..

E Gião indicou, num gesto largo, os mulatinhos que brincavam no terreiro da venda.

Chegaram, afinal, os colonos, as cem famílias muito reduzidas, destinadas a imprimir o impulso realizador das novas idéas de regeneração da lavoura. Vinham a passo miúdo, arrastado e aos tróços os adultos que não puderam supportar o trote das mulas, moças tostadas de mormaço a lhes saltar sangue das faces lubrificadas de suor e conduzindo trouxas na cabeça. Os carros de boi, com toldos destendidos nos fueiros, despejavam matronas, raparigas e meninas, descalças, trajando roupas sujas, exóticas, de côres vivas desbotadas, tagarellando todas, sem cessar, em dialectico barbaro. Uns morenos, outros brancos, loiros e ruivos, de semblante espantado, ou carrancudo, traçados de fadiga, miséria e soffrimento, a legião de maltrapilhos, dos quaes alguns conduziam, como bagagem, poucas peças de roupa envoltas num jornal, aquelles typos diversos no aspecto, na lingua, nas crenças, na raça, lembravam destroços do exército de Xerxes, eram residuos humanos colhidos nos portos cosmopolitas do Mediterraneo, lixo apanhado nas ruas de Genova como emigrantes engajados a tanto por cabeça por exploradores sem escrupulos. Notavam-se, entre elles, individuos de melhor trato, de maneiras distinctas, que eram chefes, exercendo sobre os outros grande influencia, e percorriam os grupos queixosos, acalmando rixas e chamando á ordem os recalcitantes, em disputas suscitadas na distribuição das bagagens, saccoes immundos e um pandemio de coisas de utilidade domestica.

Feita a chamada verificou-se que as cem famílias se compunham de uns quatrocentos individuos, inclusive as creanças, faltando vinte colonos e duas raparigas fugidos ou dispersados na viagem. E houve azêda discussão entre o agente da immigração e o doutor Sumer, director geral da colonia, allegando aquelle, gastos extraordinarios e que havia contractado famílias e não certo numero de individuos. Essa pendencia terminou com a intervenção da marquezia, que mandou pagar tudo para não espantar a corrente immigratoria e fortalecer o credito dos fazendeiros contratadores de colonos.

Gião ao lado sorria ironicamente e balançava a cabeça demasiado cheia de idéas, que elle não ousava emittir deante da patrôa.

Houve missa em acção de graças pela inauguração do nucleo, resada pelo padre Paulo que, como director espiritual da casa, approvára com expansões entusiasticas todo aquelle trabalho meritorio, e apresentava ruidosos parabens á excelsa fundadora, que exultava de satisfação, vendo iniciado o seu plano grandioso, a patriótica lição aos refractarios, aos negreiros insurgidos contra o governo,

as idéas novas, que lhes extorquiam os escravos, e já murmurando contra a dynastia exausta e valetudinaria como o velho Imperador doente.

Foi uma festa estrondosa, jamais vista naquella região pacata, de costumes simples. Emquanto os moços convidados dansavam nos amplos salões do palácio, os colonos assaltavam o restaurante do Gião. Estavam cortados de fome. As caldeiradas de macarrão, feitas pela Colleta, desapareceram num momento; linguças, lombinhos de porco, maçagadas de couve á mineira, panellas de angú e canigica, promontorios de arroz sumiram-se na voragem daquelles estomagos de avestruz; e, apesar disso, muitos delles disputavam furiosos a posse de ossos pellados das pernas de porco e carneiro, devorando e lambendo os meninos os residuos dos pratos.

A Colleta protestava afflicta; as ajudantes da cosinha raparam o fundo das cassarolas, das caldeiras: nada mais havia que comer, e Gião bramia:

— Vão comer assim para a casa do diabo. Essa corja parece que nunca viu comida, troça de carcamanos de borra... Ah! não me enganei.. Isso de colonos é uma desgraça, um conto do vigario.

Continúa.

PHYSIOLOGIA DA DEMOCRACIA

Ella não foi, como pretendem eloquentes personagens, creada pelo povo soberano assumindo definitivamente, conscientemente, o poder (o povo soberano, em França, durante a Revolução nada comprehendia do que se passava); resultou do declinio das antigas classes diigentes deante do desenvolvimento quasi natural do mechanismo e do industrialismo, e da falta de preparo e organização dos novos elementos intelligentes do Estado.

Os seres humanos em sociedade, como uma variedade innumeravel de nuanças, agitadas e misturadas, dão um tom cinzento uniforme, mas illusorio. Todas essas côres confundidas obedecem a um processo de segregação que as reunirá de novo em massas distinctas: o tom uniformemente pardo não é devido á identidade, á monotonia, mas a uma variedade desordenada, confusa.

A democracia, nas suas applicações, pretende ser essa uniformidade, essa monotonia. A fórmula democratica, é um symbolo de negação, concreto no aspecto e negociavel; é a manifestação, nas discussões e artificios sociais, dessa deliquescencia social e moral, cuja natureza e possibilidade já foram expostas.

A democracia moderna affirmou-se, ao principio, nos reinos de França e da Gran-Bretanha, abrangendo as colonias inglezas da America, e foi nas comunidades das linguas franceza e ingleza que se desenvolveu de modo mais completo. De accordo com a nossa hypothese, a democracia nasceu naquelles Estados, porque elles estavam á frente do progresso material, porque fôram os primeiros onde se expandiram o industrialismo e o mechanismo, com grandes massas de população em actividade insubordinada, e fôra do systema politico estabelecido; a natureza, o momento e a violencia da ruptura com esse systema fôram determinados pelo character do governo de então, e pelo gráu de exasperação de parte a parte. Mas a deslocação de uma parte inteira da nova classe média, da ordem aristocratica da Inglaterra para formar os Estados Unidos da America, e o repentino rejuvenescimento da França pelo rapido e completo esboroamento de sua monarchia gasta, as guerras que se seguiram e a aventura napoleonica—obstaram e modificaram a transformação parallela que, de outro modo, se teria effectuado, alternativamente, em cada paiz da Europa ao oeste dos Carpathos. As monarchias que, provavelmente, ruiriam ao impulso das forças internas para dar logar aos Estados democraticos de hoje, fôram abatidas pelo exterior, e se interpôz um processo de reconstrucção politica, que nunca passou, provavelmente, pela phase democratica completa e fórmal, complicando as tradições religiosas, nacionaes e dynasticas. De uma a outra extremidade da America, na Inglaterra, e, após vicissitudes extraordinarias, em França, a democracia politica se estabeleceu legalmente, e, do modo mais completo, nos Estados Unidos.

O contra-golpe e a influencia do governo democratico nas regiões em contacto intellectual com elle, fôram bastantes e consideraveis para fazer de suas monarchias, organismos politicos de um novo genero, quasi republicas democraticas. Na Allemanha, na Austria, na Italia, por exemplo, ha uma imprensa que é ouvida quasi tanto quanto nos paizes mais francamente democraticos, e que tem uma influencia sensivelmente igual; existem assembléas legislativas constitucionalmente estabelecidas, e um identico, um não official desenvolvimento de potencias financeiras e industriaes temiveis, com as quaes o governo deve contar. Na discussão de grande parte dos negocios publicos desses Estados, os postulados da democracia estão, claramente, implicitos. Da mesma fórma que as republicas da America, na realidade, essas organizações são baseadas na confusão e não no equilibrio das classes; ellas constituem,

como os seus grãos e suas várias diferenças individuais, o governo dessa mistura de todas as nuances, dando como resultado, o cinzento uniforme, confusão illusoria que deve, cedo ou tarde, **desapparecer** para predominar a côr formada por uma classe média, scientíficamente educada, e de uma especie sem precedentes, que não provirá das antigas classes médias, mas as substituirá. Essa classe constituirá conscientemente o Estado; disciplinará e restringirá muito as trez massas, sem função, ás quaes está ainda indistinctamente misturada. A natureza geral de sua formação na confusão actual, e o caracter de sua victoria final pôdem ser já previstos com certo gráo de certeza, embóra os seus inicios sejam ainda vagos e pouco animadores. Actualmente as pessoas capazes e de instrução especial—classe que comprehende medicos, en-

tado como uma especie de animal sabio. O especialista em artilheria, por exemplo, pôde mover canhões e disparal-os, mas não pôde dizer sobre que é preciso atirar e o individuo incumbido desta função ignóra as leis do alcance e da trajetoria. O engenheiro pôde pôr em movimento um navio, descarregar uma bateria, mas não poderá fazel-o sem um homem entendido que lhe grite as ordens por um tubo acustico. Os individuos da classe governante não comprehendem que possam existir conhecimentos especiaes ou factos inexoraveis. Fôram educados em collegios dirigidos, na Inglaterra, por mestres amadores, cujo ato real na vida—se é possível que tenham qualquer mira—é obter uma cáthedra episcopal; e, nessas escolas, pouca coisa aprenderam, senão que nesta nossa epocha democratica, as apparencias têm esse poder irresistivel. Ter

pre mais complicado, nenhum meio apparente tem de intervenção. Na maior parte das especulações politicas correntes, o desenvolvimento e o destaque final dessa classe são completamente desprezados e a atenção geral se concentra no processo de transformação da machina politica; e, por isso mesmo, é muito facile exaggerar a preponderancia de uma ou outra das duas forças, que estão, exactamente, equilibradas no machinismo do governo democratico.

Ha nessa machina, duas séries de entrosagem antagonicas, que operam de encontro uma á outra, e a concepção dos progressos futuros é, necessariamente, determinada pelo valor relativo dado a esses dois elementos oppostos. Pôdem ser comparados esses dois grupos á Potencia e ao Trabalho collocados nas duas extremidades da balança: de um lado, fica o que paga as



QUÉDAS DO IGUASSÚ

genheiros, todos os que exercem profissões scientíficas—estão na grande maioria, afastadas da vida politica: não fazem parte della como factores activos, ficam á parte, e é preciso, para a sua intervenção especifica, ter consciencia de uma intervenção collectiva e manifestal-a. Ha forças que trabalham, activamente, para lhes conferir o papel principal.

A democracia moderna, ou a quasi—monarchia democratica conduzem os seus negocios como se não existissem os conhecimentos especiaes ou a educação pratica. Todo o tributo que ellas pagam aos homens instruidos e praticos se redúz a consulta—os occasionalmente sobre pontos especiaes, sem fazer caso de suas opiniões, ou confiar-lhes alguma missão impossivel subordinada a restricções extremas. O homem, que se fez especialista em certo ramo de sciencia, é tra-

attitudes de convenção e possuir uma bôa reputação são os meios de successo. O nosso systema politico ignóra os individuos que exercem um cargo social activo e fundamental; opéra como se elles não existissem; como se nada, de facto, existisse, fóra da classe opulenta, irresponsavel, e dos financeiros que manipulam riquezas irresponsaveis e, opposta áquelles, uma comunidade innumeravel, incolor, politicamente indifferente. Considerando, isoladamente, a condição actual da vida politica, pareceria que esse estado de coisas devesse continuar indefinidamente, desenvolver-se de accordo com as leis que regem as relações da classe governante charlatanesca com a massa mórna dos governados. Na ordem politica e social actual, a classe dos homens de solida instrução—classe que augmenta sem cessar, graças ao systema mechanic da vida social sem-

despezas da machina, distribúe os salarios e as recompensas, subórna os jornaes: é a influencia central; do outro lado, está a massa votante, collectivamente incolôr, com certos prejuizos e certas tradições, certas leis e certas limitações de pensamento, que a imprensa explora e dirige á medida de seus meios. Ao procurarmos as possibilidades do primeiro elemento, poder-se-á evocar o fim pratico da democracia e a apparição de um Estado conduzido, inteiramente, por um grupo de intellectuaes energicos. Suppomos, de bôa vontade, financeiros fazendo, com audacia e habilidade, eleições, graças á organização e á direcção perfeita das forças de seu partido, encaminhando toda a politica para fins industriaes. Uma das prophecias mais vulgares do futuro dos Estados Unidos, é o dominio de um grupo de organizadores de *trusts* e de *boss* politicos. Mas, um homem,

ou um grupo de homens, bastante forte e intelligente para submeter á sua vontade e ás suas idéas, o mecanismo inteiro de um partido, seria apenas, na historia do mundo, um phenomeno transitorio e accidental. Semelhante exploração da direcção central será discreta e clandestina, ou modificará seu dominio conforme as necessidades impostas pelo segundo factor, e suas manobras deverão ser, em larga escala, resultantes das forças delle. De resto, homens muito subtis não têm taes ambições; e, quando as têm, naufragam, porque a subtilidade da intelligencia implica a subtilidade de character, gostos difficeis e certa fraqueza.

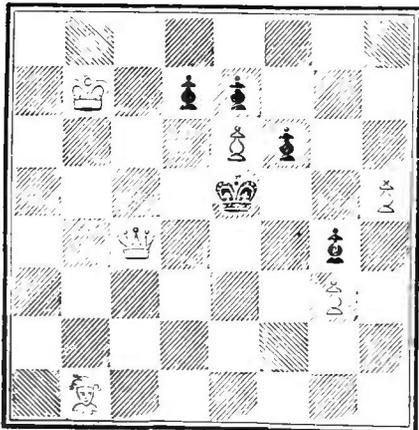
Passado o periodo loquaz, em que a facilidade de linguagem e as attitudes impressionadoras erão condição indispensavel para attingir á proeminencia politica, a direcção cae, cada vez mais, nas mãos de uma classe de rábulas, de intrigantes, dotados de espirito pratico, agil e tenaz. Os que fazem funcção a machina são pessôas—que têm fé—como dizem os pregadores populares. De facto, homens, que não analysam, que, sem outra preocupação, tomam a machina, como ella é; modelam a ella as suas ambições, fazem-na funcção; não a dirigem.

Será *boss* quem quizer sel-o e achar nisso uma satisfação completa, final, e não aquelle que, desejando ser *boss*, complicar as coisas afim de as dirigir em outro sentido. Hoje, (ha razões para crer que isso continuará durante muito tempo) a machina é governada por individuos «que acompanham o movimento»; que são, de facto, resultantes somente, tendo de soberano a apparencia e não chegando senão a compromissos. Essa pretensa direcção, feita no interior do mechanismo e por trás de uma politica visivel, assemelha-se muito ao maravilhoso Rodin do *Fudeu Errante*, com a mesma verosimilhança dos romances de Eugène Sue.

J. H. WELLS

DIVERSÕES

Problema N. 7



As brancas jogam mate em dois movimentos

SCIENCIA E INDUSTRIA

A ULHA BRANCA

Um syndicato financeiro foi organizado para explorar uma parte das maravilhosas quedas do Zambéze, de 1500 metros de largura, precipitando-se num desfiladeiro de muros verticaes de 120 metros de altura, no minimo, e 90 de largura, com vertiginosa rapidez. As quedas Victoria são duas vezes maiores que as do Niagara e mais altas o duplo, fornecendo um volume d'agua sufficiente para uma gigantesca usina electrica, com o poder de trinta e cinco milhões de cavallos, para um amplo desenvolvimento industrial no coração da Africa, que não é mais a terra mysteriosa, a terra incognita.

Essa usina poderá enviar força ao Rand, região das minas de ouro da Africa do sul, e tracção á uma grande parte dos caminhos de ferro, a começar pela secção do Cabo da Boa Esperança ao Cairo, a qual brevemente atravessará o Zambéze.

Calcula-se poder distribuir electricidade num raio de 450 a 480 kilometros, distribuição que poderá attingir, mais tarde a 700 ou 800 kilometros, até ás explorações mineraes da Africa meridional.

A installação da usina hidro-electrica e dos tuneis de conducção e de evacuação das aguas, será facil, porque o rio, nesse ponto, corre em pleno terreno basaltico.

O syndicato calcula despender nos estudos do projecto, 250.000 francos.

Na fronteira, que o general Dionysio Cerqueira acaba de demarcar, figura o salto do Iguassú; cujas formosas quedas pódem, como as do Zambéze e as do Niagara, fornecer força á industria da riquissima região, na proporção de dois milhões de cavallos, na estiagem, conforme o calculo feito pelos engenheiros da demarcação.

Do lado do Brazil, além de outras, ficaram as trez cataratas denominadas — *Benjamin Constant*, *Florian* e *Deodoro*, precipitando-se sobre uma plataforma, que parece feita de proposito para facilitar os trabalhos de installação de turbinas e outros appa-relhos geradores de electricidade, sem as formidaveis despezas com tuneis de conducção e evacuação, exigidos pelas quedas do Zambéze e do Niagara, que não têm aquella plataforma providencial.

Em uma das nossas gravuras damos um trecho das quedas do Iguassú com os trez saltos acima mencionados.

* *

O PEZO DE UMA ESTRELLA

M. Adalbert Prey, de Vienna, tentou, recentemente, uma nova deter-

minação da massa dos componentes do systema duplo 70 Ophiuchus. Sabe-se que esta estrella está situada, cerca de cinco gráus a leste de $\beta \gamma$ Ophiuchus, em uma região muito rica de estrellas amontoadas. Sua posição, referida em 1900, é

$$AR = 18^h 0m 24; D = + 2^\circ 31' 4''$$

Nos instrumentos de potencia média, ella se apresenta sob o aspecto de dois sóes côr de laranja: um da grandeza de 4,1; outro de 6,1.

Os componentes desse systema effectuam sua revolução completa, um em redor do outro, em 87 annos, no sentido retrógrado e descrevendo uma eclipse, cujo eixo apparente attinge cerca de 9''. Em consequencia da obliquidade dessa orbita sobre o raio visual, a distancia dos dois astros oscila entre 7'' e 2''

Póde-se avaliar a sua parallaxe em 0'' 16. A distancia, que lhe corresponde, é formidavel — 192 trilhões de kilometros, que a luz gasta 20 annos e 5 mezes a percorrer. Nós vemos, portanto, esse bello par como elle era ha 20 annos, tendo, na realidade, os seus componentes realizado um quarto de sua evolução, durante o trajecto da luz.

Mr. Prey, servindo-se das posições dadas nos catalogos desde 1820, epocha em que se começou a fazer distincção entre as posições de cada uma das duas estrellas, estabeleceu que o centro de gravidade do systema está a 4/5 da distancia e mais perto do companheiro. A massa deste é, pois, 4 vezes maior que a da estrella principal. Adoptando a parallaxe de Schür (0'', 16), as duas massas são, respectivamente, de 0,32 e 1,28, tomada a do nosso Sol por unidade.

O todo das duas massas é, portanto, 1,6 vezes a do Sol, ou 519.000 vezes a do nosso planeta.

Póde-se tentar fazer uma idéa da quantidade de materia representada por semelhante algarismo. A massa da terra é 5,957,930 quintilhões de vezes a de um kilogramma. Para escrevel-a, é preciso acompanhar o numero 5957930 de 18 zéros. Si se quizer avaliar em kilogramma a massa do systema 70 Ophiuchus, chega-se ao algarismo phantastico de 309 octilhões ou: 3092 000 000 000 000 000 000 000 000. Taes algarismos nada representavam ao espirito, impotente para comprehendel-os.

A estrella 70 Ophiuchus é um notavel exemplo de um systema binario, em que a relação das massas é absolutamente differente do dos brilhos: aqui o companheiro é 4 vezes mais pesado e 6 vezes menos luminoso.

O exemplo mais conhecido é Sirius, cujo companheiro é da 9ª grandeza, ou 14.000 vezes menos luminoso. Quanto a Procyon, cujo companheiro é da 13ª

grandeza, cem mil vezes menos luminoso, a massa é, entretanto, 7 vezes maior.

Em. Touchet.

(*La Nature*)

CARVÃO ELECTRICO DA TURFA

Carregam-se com pedaços de turfa cylindros de ferro gyratorios, postos em movimento com grande rapidez. Depois que a força centrifuga, ajudada pelos apparatus interiores de percussão, expelle quasi toda a humidade da turfa, introduzem-se nos cylindros electroides convenientemente ligados a um dynamo; e a propria massa da turfa, completando os circuitos entre os electroides, oppõe uma certa resistencia á passagem da corrente; carbonisa-se; transforma-se em uma série de particulas ennegrecidas que se consideram conter toda a parte utilisavel do minerio. Fazem-se depois, agglomerados dessas particulas carbonicas cujos *briquettes* se quebram em pedaços de tamanho conveniente, empregado como carvão.

Esse processo de Johnson e Philipps permittirá aproveitar os immensos depositos de turfa das margens do Amazonas, desde Manáos a Iquitos, em S. Paulo e em todo o paiz.

A CULTURA DA BAUNILHA

De uma comunicação do sr. Genot, engenheiro agronomo, director do baunilhal de *La Providence*, em Madagascar, extrahi o sr. Alvaro da Silveira as seguintes notas, de alguma utilidade para aquelles que se dedicarem á cultura da baunilha.

O baunilhal de *La Providence* tem 30.000 lianas de diferentes idades.

A parte mais antiga do baunilhal está plantada em espaldeira e a outra em quicuncio, sobre tutores isolados.

A plantação por pés isolados, preconizada desde mais de trez annos pela direcção de agricultura é incontestavelmente superior ao outro methodo, visto que permite seguir as lianas separadamente, e regular a producção proporcionalmente ao vigor de cada planta.

E' preciso frequentemente substituir os supportes horizontaes nos baunilhaes installados em espaldeira. Esta operação é dispendiosa; é, pois, mais uma razão para se preferir a plantação por pés isolados.

A cultura da baunilha só póde deixar resultado com a condição de ser tão bem tratada como um jardim.

E' preciso ligar grande importancia á escolha das estacas (mudas), do que depende, em parte, o feliz exito da plantação. Em *La Providence* não empregam, para esse fim, sinão lianas muito vigorosas, e sómente os *corações*, isto

é, as extremidades das lianas, munidas de seu botão terminal.

A epocha do plantio, lá em Madagascar, é em dezembro, janeiro e fevereiro, isto é, a mais propicia do anno para proceder á operação.

Até ás primeiras colheitas, os cuidados que requer a plantação, consistem em capinas que devem ser executadas com a maxima precaução para não offender as raizes da baunilha, visto estas se desenvolverem quasi sempre á flôr da terra.

No fim de quatro annos, a baunilha entra em plena producção. Nesta occasião, deve-se chegar a terra ás raizes e tambem palhas, folhas e capins seccos destinados a proteger a planta contra a seqidão e a formar a terra vegetal necessaria e conveniente. Isto é tão importante como as limpas. Ao mesmo tempo transformam-se as linhas de baunilhas em platibandas de 80 centimetros a 1 metro de largura, cuja terra é mantida com o auxilio de troncos velhos de qualquer natureza.

Estas platibandas permittem accumular a terra humosa ao pé das lianas e evitar a agua estagnada em contacto com as raizes.

De vez em quando é preciso fazer descer as lianas que subirem muito alto nos tutores, e mantel-as bastante baixas para permittir ás raizes adventicias chegarem rapida e facilmente ao contacto do sólo.

Os botões floraes apparecem em Madagascar no correr do mez de agosto; a fecundação artificial começa no fim de agosto ou em principio de setembro e se prolonga até os primeiros dias de janeiro.

Nas lianas em quicuncio, collocadas contra tutores isolados, regula-se a fecundação conforme o vigor da planta.

Não se fecundam, em média, senão oito cachos por planta, e em cada cacho, apenas dez flores. Toma-se depois a precaução de supprimir quatro fructos novos em cada cacho, conservando-se, portanto, só seis em cada inflorescencia. Deste modo, chega-se a evitar mais ou menos completamente, a producção de baunilhões e de fructos rachiticos.

A colheita começa geralmente em junho e dura até o fim de setembro.

O methodo de preparação é conhecido pelo nome de *aferventação em tonel*. Consiste em aferventar as vagens encerrando-as durante um certo tempo em tonel, onde se despeja uma certa porção de agua fervendo. Continúa-se a preparação expondo as baunilhas ao sol sob cobertas de côr carregada, e depois, acabando lentamente a dessecação á sombra, sobre prateleiras installadas no interior da casa.

Termina-se a preparação encerrando as baunilhas em caixas metallicas, onde ficam durante seis a oito semanas.

Ellas são em seguida medidas, classificadas, empacotadas e arranjadas em caixas de folha de Flandres, e assim exportadas.

Quando o tempo corre bem, isto é, não é nem muito secco nem muito humido, a colheita regula, aproximadamente, de uma tonelada de baunilha preparada.

O preço de um kilogramma de baunilha preparada é de 40 a 50 francos ou cerca de 32\$000 a 40\$000, em moeda brasileira, ao cambio actual.

SALTO MOCONAN

Está a uma legua abaixo da bocca do Pepiry-guassú o Salto Moconan, no rio Uruguay, que tem, nesse trecho, 600 metros, na média, de largura, e é muito violenta a sua correnteza

O rio, chegando ao grande paredão, que lhe obstróe o leito, alarga-se para a margem direita, formando a enseada — De las Catalinas. O paredão se prolonga quasi no eixo longitudinal do rio, enclinando-se desde a parte superior, que quasi toca á margem brasileira, até á inferior, que se confunde com a Argentina.

A sua extensão é de cerca de dois kilometros. Entre elle e a margem direita, o rio espraiado e pouco profundo, tem o leito juncado de pedras e ilhotas de sarandys. Do lado do Brazil, depois de abrir larga brécha na parte superior do paredão, o rio corre apertado entre elle e os rochedos da costa, com uma largura média de 40 metros na estiagem. As aguas, represadas do lado argentino, precipitam-se em grande numero de cascatas de uma altura que attinge a 10 metros na vazante.

Pelo estreito canal é impossivel passar, tal é a velocidade das aguas: as canôas passam arriadas, pela margem argentina.

O general Dionysio Cerqueira descreve, com muita verdade, os accidentes da navegação do Salto Moconan, no seguinte trecho de seu diario:

« Quando o Uruguay está muito cheio, as aguas elevam-se muito; nivelam-se com as cristas mais altas do paredão, que desaparece submerso, e as embarcações correm o salto, arrimando-se o mais possivel á margem brasileira. Quem não tiver a destreza dos canoeiros do Alto-Uruguay, não se deve arriscar nesse lance perigoso.

Em meia enchente, como estava quando o passámos no dia 27 de setembro de 1902, offerece maiores difficuldades a travessia. Abaixo do varadouro das canôas, o grande Uruguay, que passa apertado com quarenta metros de largo entre altas ribanceiras de pedra, alarga-se um pouco; mas tem o leito eriçado de penedos, entre os quaes se destaca, pela fama sinistra, a

Pedra do Bugre, bem no meio da torrente vertiginosa, como que balisando o canal dos naufragios. É' difficil evital-a. Os rodomoinhos, os vortices profundos que se lhe abrem ao redor, pequenas *malstroms*, attráhem as pequenas embarcações e tragam-nas em um momento e mais abaixo vomitam-nas, ás vezes, em pedaços.

A commissão Argentina mandou abrir uma picada pela margem direita, desde o alto do varadoiro até um ponto abaixo dos éstos perigosos e das mare-tadas banzeiras dos rebójos. Por ahi passaram os membros da commissão, e tambem algumas das suas cargas. As suas canôas seguiram antes das nossas.

Depois de varadas as nossas canôas e bem presas ao flanco do paredão, onde se chocavam como no mar em dia de ressáca, fôram novamente carregadas. Na minha, ia o Julio Amaro, excellente pratico do rio e homem habituado áquelles asperrimos trabalhos. Era o nosso timoneiro, e suas mãos robustas empunhavam o longo cabo da pesada e larga espadilha. Na prôa, estavam postados dois homens com remos de vóga. O capitão Cavalcanti, o auxiliar Cincinato Braga e eu eramos os passageiros. Tudo o que possuíamos de precioso, naquellas alturas, as nossas cadernêtas, os nossos livros, as nossas plantas e calculos ião dentro da canôa.

Recommenderei aos outros pilotos que largassem successivamente, umas após outras, as suas canôas e seguissem nas nossas aguas. Todos promptos, o pratico mandou largar, abrir a prôa para o largo e remar a toda a força: queria passar á esquerda da Pedra do Bugre e ganhar o remanso dos Cascaes.

Os dois rapazes, na prôa, se dobravam sobre os remos, que vergavam rangindo, e a canôa, jogando como no mar alto, parecia ora submergir-se nas boccas dos funis, ora gyrrar nas espiras dos rodomoinhos e, depois, elevar-se dansando na crista das espumas, para tombar, mais adiante, nos flancos de uma onda. O Julio Amaro era senhor daquellas aguas e equilibrava a fragil embarcação a cada guinada, dirigindo-a, calmo e attento, na carreira vertiginosa. Estavamos já em frente á pedra do Bugre; elle mandava:—*rema, rema com força!*... Avistamos debaixo das espumas a sombra negra do rochedo, e o piloto gritava:—*rema, rema, que vamos encima do Bugre!*... Os homens redobraram esforços, e partiu-se o tolête do remo do proeiro. A canôa atravessára; uma onda entrou-lhe pela borda, e houve, entre nós, um momento de apprehensão.

Ouvi alguém dar uma ordem; fil-o calar, dizendo:—aqui sò manda o piloto, — que, mostrando-se na altura da situação, exclamou:—Não ha novidade.

Curvou-se sobre a grande espadilha; a canôa desviou-se da pedra fatal e, de prôa virada para cima, desceu veloz até encontrar a margem argentina. Dalli vimos, então, uma scena commovente. A guarnição da segunda canôa não conseguiu fugir dos funis da Pedra do Bugre: a canôa foi a pique. Iam nella cinco homens — dois soldados e trez paisanos. O primeiro foi tragado pelo abysmo e desapareceu: era um excellente camarada e bom nadador. Chamava-se Theodoro Martins; era rio-grandense. Os outros quatro sabiam nadar como elle e luctavam, desesperadamente, com aquellas águas ruidosas, quando o alferes Guericco, que estava em frente, embarcou em uma das canôas da commissão argentina e salvou-os, secundado pela respectiva tripulação.

O governo brasileiro, tendo sciencia deste facto, condecorou aquelle official com a medalha humanitaria de primeira classe.

Do logar onde estavamos nada podíamos fazer, porque era impossivel subir, vencendo a correnteza.

Vimos, logo depois, a canôa passar emborcada. Caixões, barracas, saccos passaram, fluctuando ainda, ou meios submergidos; mas, nada podemos salvar.

Foi um dia luctuoso. Recommendei á minha gente, no Pepiry-Costa, que procurasse o cadaver do desventurado proeiro; que o enterassem e que plantassem na sua sepultura uma cruz. E assim se fez».

* *

OS KONGUSES

Ignora-se quem são, donde provêm os Konguses, temerarios bandidos que tanto perturbam, com as suas surprehendedentes investidas, as operações do exercito russo.

A ethnographia não lhes determinou ainda a origem ou de que residuos surgiram esses grandes demonios, de faces oleosas, com os cabellos torcidos em cócó no alto da cabeça. Sabe-se, apenas, que elles são inquietadores, do perigoso contacto.

Formam bandos organizados tendo, quasi sempre, em diversos logares, principalmente em Niou-Tchouang, desde o principio da guerra, verdadeiros centros de informações que lhes dão sobre o movimento commercial da Mandchuria, preciosas communicôse; indicam as descidas de barcos carregados de mercadorias, a marcha das caravanas que, facilmente, podem surprehender e roubar, porque se agrupam, se reunem e atacam de improviso.

Tiveram chefes celebres, como Haidengu, cuja capital ficava na região das fontes do Soungari, e a qual o general russo Fock, em novembro de 1900, gastou um mez para subjugar; veio depois o famoso Tulensan, contra

quem, em outubro de 1903, se mobilizou uma columna russa. Esta se mantem ainda em campanha, depois de ter perdido o seu fiel immediato, o russo renegado Fulenhoy, evadido de Sakhalin, ao qual se deve a organização actual dos terriveis bandos.

Os Konguses marcham com uma bandeira vermelha na qual está escripta a palavra demasiado eloquente—vingança. Hoje não se limitam a perseguir caravanas, inquietam os comboios do exercito, apoderam-se dos isolados, dos retardatarios e, sem constituirem um perigo de natureza grave, são uma preocupação incessante.

Quando capturados, são enforcados, ou entregues ao alfange da justiça chinesa, que os decapita sem processo. Elles marcham para o supplicio com estoico desdém, com absoluta indifferença.

As ultimas noticias da guerra referem que numerosos grupos de Konguses, formando um exercito de trez mil homens, commandados por officiaes japonezes, operam na recta-guarda de Kuropatkine, entre Mukden e Karbine.

* *

ANTIGUIDADE

Foi descoberto no Egipto, encerrado no tumulo de Thothmes IV da decima oitava dynastia, o carro em que um dos pharahós passeiava nas avenidas de Thebas.

Esse tumulo consiste, como os seus congeneres, em uma galeria cortada na terra da montanha, terminando em um grande salão, em cuja extremidade jáz um grande sarcophago de granito com inscripções de textos do Livro dos Mortos. Não estava nelle a mumia de Thothmes IV: fôra encontrada, havia alguns annos, no tumulo de outro rei e está, agóra, no museu do Cairo. Sellos de gesso com o nome do pharahó estavam nas portas do salão, attestando o seu real destino. O pavimento estava, literalmente, coberto de vasos, pratos, symbolos da vida e outros objectos de faiança, infelizmente quebrados, ou mutilados pelos ladrões que exploram essas preciosos depositos de antiguidades.

O carro, bem conservado, á excepção das rodas, consistia em uma armação de madeira, coberta de *papier-marché*, feito de papyras, revestido de um estuque, onde estavam gravados, por dentro e por fóra, varios episodios de batalhas pelejadas pelo pharahó, na Syria, gravuras de arte primorosa, com os detalhes tão perfeitos que se distinguem os rostos dos syrios prisioneiros de guerra. Junto desse carro, encontrou-se uma luva de coiro, que é considerada pelos egyptologistas o mais bello e mais curioso especimen de arte antiga.

$x - x$ é evidentemente o erro da media.

Designemol-o por δ .

Têm-se, pois,

$$\begin{aligned} \gamma_1 &= \delta + \varepsilon_1, \\ \gamma_2 &= \delta + \varepsilon_2, \\ &\vdots \\ \gamma_n &= \delta + \varepsilon_n. \end{aligned}$$

Elevando ao quadrado e sommando, acha-se

$$\gamma_1^2 + \gamma_2^2 + \dots + \gamma_n^2 = n\delta^2 + 2\delta(\varepsilon_1 + \varepsilon_2 + \dots + \varepsilon_n) + \varepsilon_1^2 + \varepsilon_2^2 + \dots + \varepsilon_n^2$$

ou, por uma notação facil de comprehender

$$[\gamma\gamma] = n\delta^2 + 2\delta[\varepsilon] + [\varepsilon\varepsilon].$$

Em virtude, porém, de uma propriedade já accentuada dos residuos da media, é

Restará $[\varepsilon] = 0.$

$$[\gamma\gamma] = n\delta^2 + [\varepsilon\varepsilon]$$

Por outro lado, sommando membro a membro as igualdades (9), acha-se

$$\gamma_1 + \gamma_2 + \dots + \gamma_n = n\delta$$

Elevando ao quadrado ambos os membros, tem-se

$$[\gamma\gamma] + 2 \sum_{i,j} \gamma_i \gamma_j = n^2 \delta^2.$$

Já fizemos notar que os erros não têm predilecção por signal, que os ha positivos e negativos, iguaes em valor absoluto. D'ahi se conclue que no signal sommatorio os termos rectangulos se destróem dous a dous. Restará a igualdade

$$[\gamma\gamma] = n \delta^2$$

Por definição o erro medio dará lugar a

$$m_n = [\gamma\gamma]$$

Tem-se, pois,

$$m_n = n \delta^2$$

ou

$$m = n\delta^2$$

$$m_n = n\delta^2 + [\varepsilon\varepsilon].$$

Eliminando $n\delta^2$ ficará

$$m_n = m + [\varepsilon\varepsilon]$$

d'onde

$$m = \frac{[\varepsilon\varepsilon]}{n-1}$$

que é o valor approximado do erro medio.

Da expressão

$$m = n \delta^2$$

vê-se que o erro a temer sobre a medida é

$$\delta = \frac{m}{V_n}$$

Justifiquemos de outro modo.

A probabilidade de um erro Δ é n'um conjuncto finito

$$P_{\Delta} = \frac{h}{V\pi} e^{-h^2 \Delta^2}$$

A probabilidade do erro nullo sendo

$$\frac{h}{V\pi}$$

tem-se

$$P_{\Delta} = P_0 e^{-h^2 \Delta^2}$$

A propabilidade de que occorram os erros $\Delta_1 \Delta_2 \dots \Delta_n$

será

$$P = \frac{h^n}{V_x^n} e^{-h^2 [\Delta_1^2 + \Delta_2^2 + \dots + \Delta_n^2]}$$

Sabemos porém que são

$$\Delta_1 = \delta + \varepsilon_1$$

$$\Delta_2 = \delta + \varepsilon_2$$

$$\Delta_n = \delta + \varepsilon_n$$

Logo se tem

$$P = \frac{h^n}{V_x^n} e^{-h^2 \{n\delta^2 + 2\delta(\varepsilon_1 + \varepsilon_2 + \dots + \varepsilon_n) + [\varepsilon\varepsilon]\}}$$

no

$$P = \frac{h^n}{V_x^n} e^{-nh^2 \delta^2 [\varepsilon\varepsilon] h^2}$$

Si a media fosse o valor exacto ter-se-ia

$$P_1 = \frac{h^n}{V_x^n} e^{[\varepsilon\varepsilon] h^2}$$

P pode ser considerado a probabilidade de um erro δ na media, P_1 a probabilidade de um erro nullo. Tem-se, pois,

$$P = P_1 e^{-nh^2 \delta^2}$$

d'onde se conclue para o modulo de precisão da media

$$h = nh$$

o

ou

$$h_0 = \frac{h}{V_n}$$